



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

POLYANA ALMEIDA POMPILHO

**ESPELHO, ESPELHO MEU: IMPLICAÇÕES DO SUJEITO NA
RELAÇÃO ENTRE IMAGEM E VIRTUALIDADE NA
PERSPECTIVA PSICANALÍTICA**

Londrina
2025

POLYANA ALMEIDA POMPILHO

**ESPELHO, ESPELHO MEU: IMPLICAÇÕES DO SUJEITO NA
RELAÇÃO ENTRE IMAGEM E VIRTUALIDADE NA
PERSPECTIVA PSICANALÍTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina em nível de Mestrado, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia, na Linha 1.

Orientadora: Profa. Dra. Silvia Nogueira Cordeiro
Coorientador: Prof. Dr. Leandro Anselmo
Todesqui Tavares

Londrina
2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

P789e Pompilho, Polyana Almeida.
ESPELHO, ESPELHO MEU: : IMPLICAÇÕES DO SUJEITO NA RELAÇÃO ENTRE IMAGEM E VIRTUALIDADE NA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA / Polyana Almeida Pompilho. - Londrina, 2025.
115 f. : il.

Orientador: Silvia Nogueira Cordeiro.
Coorientador: Leandro Anselmo Todesqui Tavares.
Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Biológicas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2025.
Inclui bibliografia.

1. Imagem - Tese. 2. Redes Sociais - Tese. 3. Selfie - Tese. 4. Psicanálise - Tese. I. Cordeiro, Silvia Nogueira. II. Tavares, Leandro Anselmo Todesqui. III. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. IV. Título.

CDU 159.9

POLYANA ALMEIDA POMPILHO

**ESPELHO, ESPELHO MEU: IMPLICAÇÕES DO SUJEITO NA RELAÇÃO
ENTRE IMAGEM E VIRTUALIDADE NA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina em nível de Mestrado, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia, na Linha 1.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Silvia Nogueira Cordeiro
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Profa. Dra. Eliana Rigotto Lazzarini
Universidade de Brasília - UnB

Profa. Dra. Maria Teresa Guimarães de Lemos
Universidade Estadual de Campinas - Unicamp

Londrina, 31 de Março de 2025.

AGRADECIMENTOS

Este momento é muito significativo para mim, pois é quando consigo perceber que durante este trajeto pude contar com muitas pessoas e, por mais que a construção de um saber seja individual, o processo não é solitário. Que sorte a minha poder citar cada um que fez destes meus últimos anos de muita dedicação, ser possível, divertido e memorável.

A Deus e à minha espiritualidade, a Nossa Senhora Aparecida, nos quais, pela fé, sinto-me protegida e acolhida. Nos momentos de silêncio, pude encontrar paz e força para continuar.

Agradeço à professora doutora Silvia Nogueira Cordeiro, minha orientadora, por acreditar na temática da pesquisa, pelo estímulo permanente e disponibilidade constante. Por sua dedicação que ultrapassou a função de docência, construindo uma relação de respeito, admiração e afeição.

Ao meu coorientador, professor doutor Leandro Anselmo Todesqui Tavares, pelo avanço na teoria, no aprofundamento no campo social e pelas discussões enriquecedoras. Às membras da banca, que me acompanharam da qualificação à defesa, professora doutora Eliana Rigotto Lazzarini e a psicanalista doutora Maria Teresa Guimarães de Lemos, pela gentileza, leitura criteriosa e devolutivas acertadas, que me fizeram avançar.

Agradeço fundamentalmente a minha mãe, Lu, por me ensinar a amar a vida e a aproveitar as oportunidades, por aceitar as nossas diferenças e fazer disso momentos de divertimento. Ao meu pai-drasto Eugênio, que se faz presente desde minha adolescência e que me proporciona, desde então, amor paterno. Minha gratidão a vocês, torcedores e incentivadores de mais esta etapa.

Ao meu noivo Gustavo, que há 10 anos acredita em nossa história, dedica-se a ela e que sonha constantemente ao meu lado. Obrigada pelo apoio, pela presença constante, por ser meu

suporte nos dias difíceis e por me fazer acreditar que posso mais do que imagino. À Sheila, minha companheira de quatro patas, pelo olhar cheio de brilho e por me fazer dar as minhas melhores risadas. Todo meu amor a nossa família.

Às minhas amigas-irmãs, que entenderam as minhas ausências quando, por inúmeras vezes, a escrita tomou o meu tempo, mas que souberam me esperar e insistir em novas datas. Meu carinho a vocês que me dão um lugar de escuta e desabafo por tantas vezes, não somente nos últimos dois anos, mas há décadas: Leticia, Amanda, Carolina e Nathalia.

Às surpresas que a UEL me presenteou, um grupo no qual, mesmo com as distinções entre linhas de pesquisa, fizemos nós: Débora, Virgínia, Julia e Lais. À Nathany, pela nossa família imaginária, pelo atravessamento de momentos angustiantes próprios do mestrado e pelas incontáveis vezes que rimos e choramos juntas. Que alegria dividir com vocês as dores e delícias da escrita da dissertação e das vivências na pós-graduação.

Pompilho, P. A. (2025). *Espelho, espelho meu: implicações do sujeito na relação entre imagem e virtualidade na perspectiva psicanalítica*. 115 páginas. (Dissertação de Mestrado em Psicologia). Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

RESUMO

Mundialmente, sistemas tecnológicos são usados diariamente, seja por meio do trabalho, dos estudos ou entretenimento, nesse sentido, inevitavelmente o ser humano tem suas relações afetadas pelo campo virtual, seja com o outro ou consigo. A tela está presente quase o tempo todo, mostrando, por meio de imagens, como cada um escolhe se apresentar e enaltecendo a imagem corporal. Para a psicanálise, a imagem do eu não é dada a priori, ela é construída, fazendo parte da constituição subjetiva e de um corpo pulsional, revestido de libido e representações inconscientes. Este trabalho dedicou-se a investigar, por meio da fundamentação teórica de Freud e Lacan, a relação entre a imagem, o virtual e o feminino, buscando compreender algumas consequências desse enlaçamento para o sujeito contemporâneo. Para abarcar essa dimensão, propusemos, como objetivo geral desta pesquisa, investigar a relação da mulher com sua própria imagem atravessada pelo campo virtual, seguido dos objetivos específicos: identificar o que permeia o imaginário da mulher em relação à própria imagem e à demanda advinda do social; compreender as implicações do uso do filtro para a assimilação da própria imagem e suas consequências. Para esta investigação, empregamos a metodologia da pesquisa psicanalítica, utilizando a entrevista como ferramenta para a coleta de dados, logo após, fazendo a análise de trechos na íntegra utilizando o arcabouço teórico discutido anteriormente. Ao final, percebemos como a experiência subjetiva revela a complexidade do conflito identitário, no qual o sujeito, alienado de sua falta, engaja seu corpo na busca por uma solução. Notamos que os dispositivos de edição amplamente acessíveis, como os filtros, parecem intensificar essa dinâmica, reforçando a demanda por uma imagem ideal. No contexto da visibilidade contemporânea, corpo e imagem tornam-se cenários de múltiplas representações, direcionando a existência.

Palavras-chave: Imagem. Selfie. Redes Sociais. Feminino. Psicanálise.

Pompilho, P. A. (2025). *Mirror, mirror on the wall: implications of the subject in the relationship between image and virtuality from a psychoanalytic perspective*. 115 sheets. (Masters Dissertation in Psychology). State University of Londrina, Londrina.

ABSTRACT

Globally, technological systems are used daily in work, study, and entertainment. Consequently, human relationships are inevitably affected by the virtual realm, whether in interactions with others or with oneself. Screens are present almost constantly, displaying images that reflect how individuals choose to present themselves and emphasizing body image. From a psychoanalytic perspective, the image of the self is not given a priori; rather, it is constructed as part of subjective constitution and a drive-based body, invested with libido and unconscious representations. This study aims to investigate, through the theoretical foundations of Freud and Lacan, the relationship between image, the virtual, and the feminine, seeking to understand some of the consequences of this entanglement for the contemporary subject. To encompass this dimension, the general objective of this research is to explore women's relationship with their own image as mediated by the virtual realm. The specific objectives include identifying the elements shaping women's imaginary regarding their self-image and the social demands imposed upon them, as well as understanding the implications of using filters for self-image assimilation and its consequences. This investigation employs the psychoanalytic research methodology, utilizing interviews as a data collection tool, followed by an in-depth analysis of excerpts based on the theoretical framework previously discussed. Ultimately, our findings reveal how subjective experience exposes the complexity of identity conflict, in which the subject, alienated from their lack, engages their body in the search for resolution. We observe that widely accessible editing tools, such as filters, seem to intensify this dynamic, reinforcing the demand for an idealized image. Within the context of contemporary visibility, body and image become stages for multiple representations, shaping and directing existence.

Keywords: Image. Selfie. Social networks. Feminine. Psychoanalysis.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – CARACTERIZAÇÃO DAS PARTICIPANTES	77
---------------------------------------------------	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LEPPSI Laboratório de Estudo e Pesquisa em Psicanálise

EUA Estados Unidos da América

ISAPS Society of Aesthetic Plastic Surgery

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO.....	16
2.1 Objetivos.....	16
2.2 Método.....	16
3 DESENVOLVIMENTO TEÓRICO.....	22
3.1 A outra cena: a presença da virtualidade	22
3.2 Selfie: o novo espelho.....	31
3.2.1 O corpo, a cultura e a tela	37
3.3 A feminilidade e sua relação com o corpo	44
3.4 O estranho sou eu	55
3.5 A Coisa que falta em mim	66
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	75
4.1 Caracterização das Participantes	75
4.2 Espelho, espelho meu: Análise das entrevistas	76
4.2.1 Elas querem tapar, querem colocar uma cortina no que elas são	76
4.2.2 A imagem é tudo, é a imagem que atrai ou afasta as pessoas	83
4.2.3 Tem coisa que a gente vai levar pro resto da vida, não tem como	86
4.2.4 Eu não sabia quem eu sou, o que gostava, eu era um camaleão, eu me ajustava	90
4.2.5 No tribunal da internet.....	93
4.2.6. Eu olho para o espelho hoje, eu tenho escolha.	95
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	99
REFERÊNCIAS.....	103
APÊNDICES	111
Apêndice A: Dados Sociodemográficos.....	112
ANEXOS.....	113
Anexo 1: TCLE	114

1 INTRODUÇÃO

O ser humano se interroga sobre o ser, a existência, a morte. Podemos ler pensadores, filósofos, psicólogos e psicanalistas interrogando, dentro de cada campo do saber, sobre esses temas. Assim, atrevo-me a dizer que o novo século, a virada para o ano de 2001, trouxe consigo mudanças relevantes, até então não experimentadas: o meio digital. Cada vez mais, o digital vem ganhando importância e, por isso, ocupando lugar na vida cotidiana das pessoas.

Pensar sobre o que é ser o humano, nos remete, involuntariamente, ao meio digital, devido ao grau de pessoas conectadas à internet, sejam por motivos profissionais, pessoais ou sociais. Não é raro ouvirmos “os humanos estão em extinção”, ou assistirmos a um filme em que as máquinas robôs tomam autonomia da consciência e se tornam independentes de comandos humanos. Sendo assim, podemos interrogar o ser humano a partir do novo século, com uma nova questão: a era digital.

No período que iniciou a pandemia da Covid-19, a população mundial foi orientada a ficar em suas casas, a manter-se em quarentena e se abster do contato presencial de outras pessoas. Consequentemente as tarefas diárias como trabalhar e estudar tiveram que se adaptar ao modelo online, ou, comumente chamado, remoto. Todos os dias, bilhões de pessoas usavam computadores e smartphones, conectando-se à internet, ligavam a câmera – ou não - e iniciavam os estudos e os trabalhos.

Estávamos, mais do que nunca, conectados, porém distantes. Online nas redes sociais, offline nas redes presenciais. A imagem, consequentemente, ganha destaque, principalmente a facial, visto que era essa imagem que mostrávamos diariamente diante das chamadas de vídeos e reuniões, imagens em formato de foto ou vídeo. A imagem de si mesmo, a autoimagem, entrou em evidência.

A interação remota possibilitou a própria visualização, de forma mútua, as chamadas de vídeos permitem a visualização do outro e de si. É quase inevitável não ficar de olho na própria

imagem, não desviar o olhar do outro e espiar a sua própria apresentação. Enquanto no mito de Narciso a veneração da autoimagem o levou ao afogamento, na era digital, podemos observar que o uso de filtros na autoimagem aumentou a idealização de uma imagem que é outra.

Ainda que haja grande diferença entre a imagem refletida na água e a captura tecnológica da imagem por meio de câmeras fotográficas e smartphones, ainda assim, o que é físgado tanto no mito quanto na era digital trata-se da mesma *coisa*¹. Talvez seja justamente essa descoberta que o mercado das redes sociais teve e que apreende milhões de pessoas em torno do mundo, focadas nos compartilhamentos e aperfeiçoamento da autoimagem.

Cidades hiperconectadas, carros autônomos, óculos de realidade virtual e aplicação de chip no corpo humano não são mais ideias futuristas, são tendências disponíveis no mercado, para serem adquiridas e consumidas. Se o meio social sofreu grandes mudanças, o que dizer sobre o ser humano? Segundo o Dicionário Michaelis, *Homo Sapiens*, a espécie sábia, é um termo que designa o ser humano moderno, partindo daí, é quase inevitável não se interrogar sobre esse contexto que o humano sábio e moderno está inserido e pensar nos efeitos que ele sofre com o advento da tecnologia.

Diante de interrogações que permeiam os pontos levantados, interessei-me pela temática. Aliás, sou usuária ativa da internet, das redes sociais e de ferramentas tecnológicas, me vi também diante de uma demanda que me convocava a aparecer nas mídias. Formada em 2015, me dediquei à clínica e iniciei minha formação na psicanálise, atuando com clínica própria desde 2016.

Como muitos profissionais autônomos, vivi a migração do cartão de visita para a conta profissional no Instagram, passei pelo estranhamento de realizar atendimentos virtuais durante a pandemia e senti as mudanças da minha profissão, que atualmente tem a internet como

¹Grifei a palavra coisa para aludir à coisa lacaniana: *das ding*. Segundo o Dicionário de Psicanálise R. Chemama (1995), Lacan nomeia *das Ding* o objeto desde sempre perdido. Devido ao acesso da linguagem na própria constituição do sujeito, foi perdido definitivamente. Esse objeto só pode ser achado enquanto saudade.

atravessamento. Minha presença foi convocada a “dar as caras”, emitir opiniões, escrever textos e, por último, fazer vídeos. Minha imagem, a forma como eu me apresento em apenas um *post* foi se tornando meu cartão de visitas.

Afinal, quem eu era em uma foto? O que eu poderia falar de mim em um vídeo de 60 segundos? E, por último e não menos angustiante, minha imagem condizia com a minha profissão, com o que eu gostaria de mostrar? Em meio a interrogações, veio o mal-estar de ter que usar filtros, pois era assim que as pessoas estavam se apresentando nas redes. Por fim, quem sou eu?

Carregada de interrogações e interessada pela pesquisa, iniciei meus estudos na Universidade Estadual de Londrina, realizando algumas disciplinas enquanto aluna não regular, em diferentes linhas de pesquisas e, posteriormente, iniciei minha participação no Laboratório de Estudo e Pesquisa em Psicanálise – LEPPSI, do qual ainda faço parte, desenvolvendo atividade de pesquisa e colaborando com as discussões de outras pesquisas em andamento.

Assim cheguei neste ponto, não final, mas de interrogação, onde consegui organizar em forma de pergunta os meus interesses, levando em consideração minha trajetória diante da ascensão tecnológica, usuária das redes sociais e estudante vivaz da psicanálise. Em paralelo, outro tema dividia a minha atenção, a questão feminina e como as mulheres são representadas e identificadas com a beleza. Realizei uma disciplina em outro programa de pós-graduação, no qual me dediquei a uma escrita sobre a mitologia como forma de discurso inconsciente, destacando as figuras femininas com o tema da beleza.

Fazer parte do LEPPSI foi fundamental para que eu conseguisse organizar minhas ideias, me encontrar com uma escrita escondida e conseguir lidar com a transferência do tema. Possibilitou uma brecha na qual a pesquisadora pudesse advir. Assim sendo, elaborei um projeto de pesquisa, que foi submetido e aceito no programa da universidade, ao qual eu me dedico desde então.

Mudanças no projeto aconteceram, necessárias durante a trajetória do mestrado, mas a temática principal permaneceu, sendo o campo virtual, o feminino e a psicanálise o interesse central da investigação. Atualizar o mito da beleza para os dias atuais, relacionando como está atualmente projetado no meio social, especificamente nas redes sociais, me guiou para o filtro, ferramenta comum e de fácil acesso aos usuários das redes sociais e que se tornou a pergunta da minha pesquisa.

Dessa maneira, a pergunta da pesquisa se formou: quais implicações do uso de filtros para a autoimagem da mulher usuária de redes sociais? Para além das questões de gênero, sexualidade, anatomia e outros, o convite à pesquisa foi feito para mulheres e quem se identificou e se interessou, entrou em contato comigo. Já o tema sobre o feminino, será abordado mais adiante, de antemão, sabemos que os conceitos de mulher e feminino são distintos, sendo trabalhados por Freud e Lacan, fazendo-os se aproximar de algumas definições, mas nunca encerrando-os, nos permitindo então outras elaborações.

Nesse sentido, o objetivo deste estudo é investigar a relação da mulher com sua própria imagem, a qual é atravessada pelo campo virtual. Diante do exposto, a pesquisa psicanalítica foi escolhida como o método de investigação, que, segundo Caon (1994), se caracteriza como o método de investigação que contempla a produção metapsicológica de textos, fundamentado na transferência instrumentalizada e no ato psicanalítico, deslocando o autor psicanalista e transformando seu texto. O pesquisador tem participação ativa no processo, justamente para a emergência do material, que poderá estar situado além dos dados imediatos da experiência.

Portanto, a pesquisa psicanalítica torna-se o meio de minha investigação, pesquisadora e psicanalista, sigo em direção de articulações a respeito da minha transferência com o tema, mesmo sem saber ainda o que irei encontrar. Partindo dos meus questionamentos sobre quem sou eu no meio virtual, da evidência da imagem das relações sociais e seguindo investigando, espero ansiosa pela emergência do material que há de vir.

2 DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO

2.1 Objetivos

Objetivo Geral

Investigar a relação da mulher com sua própria imagem atravessada pelo campo virtual.

Objetivos Específicos

Identificar o que permeia o imaginário da mulher em relação à própria imagem e à demanda advinda do social.

Compreender as implicações do uso do filtro para a assimilação da própria imagem e suas consequências.

2.2 Método

A psicanálise encontra seu lugar entre as ciências humanas, segundo Mezan (2007), quer seu objeto seja nomeado inconsciente ou funcionamento psíquico, é evidentemente relativo ao ser humano. Seu método, no campo da pesquisa, se refere ao modo de teorizar, é a interpretação das diferentes produções psíquicas que tem como finalidade reconstruir os processos que o geraram, sejam eles intra-individuais ou relacionais.

A pesquisa em psicanálise leva em consideração o inconsciente do sujeito, propondo assim a investigação de verdades contextuais e individualizadas e não uma verdade absoluta. Freud criou uma nova maneira de fazer ciência, com o rigor e coerência de seu método próprio, cuja premissa teórica e técnica é a do inconsciente (Silvia & Macedo, 2016).

Nesse sentido, novos métodos de pesquisa foram necessários para se aproximar da concepção do inconsciente, já que ele não é um objeto de estudo delimitado, como são os objetos de investigação das ciências médicas. A psicanálise se consolidou como uma nova modalidade, distanciando-se da concepção consciencialista e de uma lógica causal na compreensão dos fenômenos humanos (Silva & Macedo, 2016).

Caon (1994) faz um retorno aos primórdios da psicanálise para localizar o pesquisador psicanalítico, para tal, sustenta que tanto o tratamento quanto a pesquisa em psicanálise possuem um único fundamento: a transferência. Na situação de pesquisa, a transferência é identificada unicamente para ser instrumentalizada e somente poderá ocorrer através de dispositivos técnicos capazes de atribuir-lhe nova dimensão, no sentido de gerar um texto metapsicológico, podendo ser escrito ou oral.

Com seu texto em forma de ensaio metapsicológico, o pesquisador e psicanalista, deverá suportar uma certa perfuração, através da qual, o autor libertado de seu texto, poderá desfrutar do ato psicanalítico que o deslocará e levará a uma transformação, tendo por destino e vocação a produção de um autor. Esse texto é diferente de qualquer outro, pois é “essencialmente inconcluso e marcado por um buraco, a partir do qual o pesquisador psicanalítico paradoxalmente se sustenta” (Caon, 1994, p. 150).

A pesquisa psicanalítica possui dois pontos fundamentais: primeiro, não inclui nos objetivos a necessidade de uma dedução generalizadora e, segundo, tem como estratégia de análise de resultados o significante e não o signo compartilhado universalmente. Haverá sempre apropriação do autor, que, após pesquisar através do método freudiano, descobre um método próprio, vinculado a essa vertente e singularizado na realização da pesquisa. A transferência é a característica identificatória, que será instrumentalizada, sendo incontornável a figura do psicanalista, o qual, a partir disso, fará sua leitura dos dados (Iribarry, 2003).

Quando se trata de pesquisa, em geral, o pesquisador (sujeito) se posiciona diante do objeto, contudo, na pesquisa psicológica, o objeto é um sujeito. Nesse sentido, o pesquisador psicanalítico atua com um campo e com um objeto psíquico além dos fatos imediatos da experiência. Assim sendo, o pesquisador lança mão do campo da consciência, interessando pelo seu oposto, o campo inconsciente, levando essa oposição radical à base de todas as suas pesquisas (Caon, 1994).

Esse método pode ser utilizado para interpretar qualquer fenômeno que faça parte da realidade humana, como fenômenos sociais ou institucionais, material clínico e entrevistas. Segundo Dunker (2011), há uma peculiaridade epistemológica própria à psicanálise, de ser simultaneamente uma forma discursiva e uma ciência, sem que uma esteja garantida pela outra, além de haver uma aproximação entre o tratamento psicanalítico e a investigação científica. “Ambas consistem na prática de um método que envolve a produção de um saber, ambas presumem a natureza real de um objeto, ambas envolvem considerações práticas e teóricas sobre o sujeito deste saber” (Dunker, 2011, p. 320). O autor acrescenta ainda que o procedimento de investigação se torna o fundamento, em seguida, o método de tratamento e, por último, aparece a disciplina científica.

Essa pesquisa pode ter diferentes alvos e alcances, desde que sejam usados para interpretar os fenômenos que fazem parte do universo simbólico do ser humano. Algumas possibilidades, entre outras, são processos socioculturais e institucionais, material clínico individual ou grupal e materiais projetivos. Um cuidado deve ser tomado, visto que não é adequado para descobrir relações de causa e efeito, nem tampouco para transpor evidências feitas num campo para outro (Figueiredo & Minerbo, 2006).

Em relação aos instrumentos para coleta de dados, quando se trata da pesquisa em psicanálise, não podemos deixar de fora o primeiro e principal participante que é o seu próprio autor, este, por sua vez, fica responsável pelas etapas metodológicas que irá seguir. No restante, o método da pesquisa psicanalítica não introduz novidades na escolha dos sujeitos ou participantes, nem apresenta características especiais nos procedimentos de coleta de dados ou nos instrumentos e materiais utilizados (Iribarry, 2003).

O que pode ser introduzido como novidade é justamente a forma que será realizada a análise de dados do pesquisador psicanalista, visto que ele está inserido na ciência de Freud, com método próprio para investigações inconscientes. Na psicanálise, partindo da observação,

o analista observa o discurso do paciente em sessão e na pesquisa, o psicanalista pesquisador coleta os dados e reflete sobre eles (Mezan, 2007).

Por fim, o método de investigação suporta a temporalidade da escrita e a escolha por esta estratégia se faz legítima, por incluir a atitude clínica como pilar de sua possibilidade de uso, considerando o pesquisador como instrumento fundamental da investigação. É importante lembrar que é impossível subtrair as interferências do pesquisador psicanalítico na coleta que ele recolhe.

Neste sentido, esta pesquisa utilizou a entrevista como o instrumento de coleta de dados, porém não significa que apenas os materiais colhidos e analisados serão suficientes para fundamentar e justificar as interpretações. Isso se deve pelo fato de que a pesquisadora psicanalítica entrará com sua transferência, a partir de um trabalho de descoberta e invenção alimentado pelos relatos das entrevistas, e, em contrapartida, será enriquecida e se abrirá para outras possibilidades inesperadas, individuais e sociais (Figueiredo & Minerbo, 2006).

Para isso, foi realizado um processo prévio à coleta de dados, denominado aculturação. Esse momento foi importante, pois pude me aproximar da temática em questão. Realizei entrevistas com diferentes profissionais que atuam direta ou indiretamente com a imagem. Participaram deste processo uma médica dermatologista, uma blogueira que atua no Instagram e TikTok e uma fotógrafa, todas aceitaram o convite de forma voluntária.

Realizei um único encontro individual com cada profissional, não fui com perguntas elaboradas e não direcionei a conversa para nenhum tópico em específico, optei por uma escuta livre, pois assim surgiria um campo novo, com experiências e saberes que agregariam esse meu momento de aproximação com a temática da pesquisa. Realizei um diário de campo, após cada encontro, com anotações acerca da conversa, curiosidades e dúvidas.

Escutar uma após a outra possibilitou novos conhecimentos, importantes para o processo de me ambientar, ao mesmo tempo que pôde abrir mais meu campo de visão e

interesse. As entrevistas de aculturação não serão incluídas na análise de dados, encerrando-se nesta etapa. Fazer parte da comunidade de redes sociais me fez também procurar e seguir páginas e pessoas entusiastas com o tema do filtro e da imagem.

Em 2023, uma marca muito conhecida de produtos de higiene pessoal lançou uma campanha onde contratou famosas para aparecerem sem filtros em suas redes sociais. Pude, com isso, ler muitos comentários, ver vídeos e as problematizações levantadas pertinentes ao tema da minha pesquisa, visto que a campanha movimentou as redes. Esse é apenas um exemplo de como as redes sociais foram também um lugar de aculturação.

E para finalizar o processo de aculturação, me aproximei do tema por meio de uma revisão sistemática de literatura, fazendo leituras de pesquisas recentes e consolidando seus resultados, reunindo o que a comunidade científica tem a dizer, produzindo, concomitante, um entendimento próprio sobre o assunto, encerrando, assim, a etapa de aculturação e propiciando a fase de coleta de dados.

A divulgação da pesquisa e a busca de mulheres interessadas em participar voluntariamente foi realizada por meio de convites disparados via redes sociais, especificamente no Instagram e WhatsApp, com meu contato de celular e e-mail, onde as mulheres interessadas entraram em contato comigo. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – disponível no Anexo 1 - foi lido e assinado por cada participante, antes do início da entrevista, podendo ela se negar a participar, sem nenhum prejuízo à sua pessoa.

A pesquisa foi realizada de forma presencial, com data, horário e local predefinidos. Também foi realizada de forma online, com chamada de vídeo, através da plataforma Google Meet. É importante ressaltar que as entrevistas ocorreram em local seguro, bem arejado, iluminado e totalmente sigiloso, estando apenas a pesquisadora e a participante na conversa. Após o contato comigo, as participantes puderam escolher a forma da participação, ficando por opção delas a modalidade presencial ou online.

Em relação à delimitação temporal, as entrevistas ocorreram em um período de 3 (três) meses, todas foram gravadas por meio do gravador de voz do meu *smartphone* e transcritas exclusivamente por mim, ficando como um documento textual sem identificação de nome ou qualquer outra informação pessoal, bem como os devidos aceites do TCLE.

As participantes da pesquisa foram mulheres, maiores de 18 anos de idade. Não houve necessidade de nenhuma delimitação por característica socioeconômica, nível escolar, origem ou localização geográfica nacional. Pela possibilidade de entrevistas ocorrerem de forma online, elas não ficaram restritas a uma localidade (cidade ou região específica), ocorrendo de acordo com o interesse e disponibilidade de cada participante. Algumas informações sociodemográficas foram coletadas, caso haja necessidade de utilizá-las – disponível no Apêndice A.

O instrumento eleito para a pesquisa foi a entrevista, que teve como disparador uma pergunta: O que te motivou a participar da pesquisa? A partir daí, a entrevista transcorreu no estilo de uma conversa, não seguindo necessariamente um roteiro já estruturado, visto que o material inconsciente, a transferência e a escuta flutuante (procedimentos próprios da pesquisa com o método psicanalítico) são fundamentais para a coleta de dados e necessitam de certa liberdade para vir à tona.

Neste momento, enquanto pesquisadora psicanalítica, me encaminho para a produção do ensaio metapsicológico. “Quando os dados já estiverem coletados, o pesquisador psicanalítico se lança à leitura dos dados, organizados em forma de texto escrito. No caso de entrevistas, por exemplo, estas serão transcritas para juntamente com os textos coletados serem lidas pelo pesquisador” (Iribarry, 2003, p. 126). Antes de chegarmos neste ponto, passaremos pelas elaborações teóricas, a partir do que fui encontrando, escolhendo e nomeando, para finalmente construir um saber próprio.

3 DESENVOLVIMENTO TEÓRICO

3.1 A outra cena: a presença da virtualidade

*“Estou preso na rede
Que nem peixe pescado
É zap-zap, é like
É Instagram, é tudo muito bem bolado
O pensamento é nuvem
O movimento é drone
O monge no convento
Aguarda o advento de Deus pelo iphone”
(Pela Internet 2, Gilberto Gil).*

A outra cena de que pretendemos trabalhar trata-se de um outro modo de ser e estar no mundo, além da presença corporal imediata: a presença virtual. Segundo Lévy (2011), o virtual trata-se de um modo de ser, poderoso e fecundo, coloca em jogo processos de criação, abre poços de sentido dentro da platitude da presença física imediata e, por fim, tem somente uma diminuta afinidade com o falso, o ilusório.

Apenas fazer uma comparação de opostos entre real e virtual, é, no mínimo, grosseiro. Enquanto a palavra virtual é empregada frequentemente para significar a ausência de existência, a palavra realidade supõe uma presença tangível. O real sendo da ordem do ‘tenho’ e o virtual do ‘terás’, o que aliás não é uma proposição errada, mas com certeza, não dá conta de fundamentar uma teoria geral (Lévy, 2011). Em seu livro *O que é o virtual*, o autor mencionado desdobrará o tema da virtualização, sem se apegar à dicotomia entre benéfico ou nocivo, enfatizando o fato do virtual estar presente no cotidiano, inclusive criando um novo modo de pensar e ampliando as potencialidades humanas, colocando o virtual como o inevitável.

O que nos interessa é sua abordagem entre o corpo e a virtualização e, para isso, o autor separa em tópicos os processos contemporâneos de virtualização do corpo. Temos a reconstrução, que são as formas que o ser humano descobriu de autocriar, remodelar e reconstruir o próprio corpo, por meio de próteses, cirurgias plásticas e muitos outros. Percepções, cujo objetivo é presentificar o mundo no aqui e agora com uso de telefone, televisão

e outros sistemas de telecomunicações, as pessoas que assistem ao mesmo programa de TV, por exemplo, compartilham o mesmo grande olho coletivo (Lévy, 2011).

Ao citar as projeções, o referido autor fala das imagens e de ações projetadas ao mundo, os sistemas de realidade virtual transmitem quase uma presença, ultrapassando a noção de imagem. Para dar um exemplo, o autor usa o telefone, mas que facilmente podemos atualizar para a videochamada. Segundo ele, o telefone funciona como um dispositivo de telepresença, uma vez que consegue transportar a própria voz e não somente uma representação desta (Lévy, 2011).

O telefone separa a voz do corpo tangível e a transmite à distância, separando-os mas mantendo-os lá e aqui, sendo o interlocutor da chamada afetado também pelo mesmo desdobramento, por isso, uma quase presença (Lévy, 2011). Podemos perceber que o corpo virtual já existia na própria presença da ausência, não precisando, necessariamente, de um campo virtual ligado à internet, esse sistema, sem dúvida, ampliou a noção da virtualidade e, conseqüentemente, aumentou seus efeitos na subjetividade dos sujeitos.

Atualmente, a palavra ‘internet²’ já faz parte do vocábulo nacional e nos induz a pensar em uma rede de comunicação interligada mundialmente, porém nem sempre foi assim, nos primórdios, a internet estava mais perto da corrida espacial. Havia outros interesses envolvidos. Conforme Castells (2003), a origem da internet pode ser datada a partir de 1969, mas antes mesmo desta data, no ano de 1958, departamentos de Estado e segurança nacional dos Estados Unidos da América (EUA) já mobilizavam recursos de pesquisas, principalmente universitárias, na busca da superioridade de tecnologia militar, na esteira do lançamento do primeiro satélite artificial, o Sputnik 1.

²Utilizarei com inicial minúscula, pois trata-se de um substantivo feminino, seguindo a nomenclatura disponível no Dicionário Online Priberam de Português.

Cientistas da computação³ espalhados por diversas regiões do mundo trabalharam por anos até surgir os primeiros nós da rede, passando por conexões entre outras redes de computadores e introduzindo um novo conceito, uma rede de redes. Após décadas, os estudos dedicados a novas tecnologias possibilitaram, em 1990, a internet ser finalmente libertada de um ambiente militar, o que possibilitou a difusão da interconexão das redes nos EUA (Castells, 2003).

No Brasil, a comunicação de dados também começou como assunto de Estado e, em 1964, o modelo brasileiro, assim como o panorama internacional, tratava as telecomunicações como um monopólio. Tudo indica que a primeira iniciativa de rede acadêmica foi em meados da década de setenta, com a proposta de compartilhar os recursos, permitir acessos às demais instituições e construir um sistema de conferência eletrônica entre os integrantes da rede (Carvalho, 2006).

Um longo caminho foi percorrido, marcado por tempos agitados de busca de conectividade entre as instituições brasileiras com o mundo. A internet, conhecida como uma rede de grande alcance internacional, chegou no início dos anos noventa. Em dezembro de 1994, foi inaugurado em caráter experimental, no território nacional, o serviço de acesso à internet via linha discada e, em 1996, a internet comercial começou a operar no Brasil, ainda que insuficiente para atender às demandas comerciais e aos usuários (Carvalho, 2006).

A história da internet é rodeada de precariedade, tensões e bifurcações, similares a qualquer outro fato e/ou artefato tecnológico, pois não se trata simplesmente de uma rede técnica, mas de uma rede sociotécnica, um englobamento indissociável de ciência, tecnologia e sociedade. É um processo inacabado e em constante mutação, envolvendo inúmeros aliados

³Paul Baran na Rand Corporation (um centro de pesquisas californiano que frequentemente trabalhava para o Pentágono) e Donald Davies no British National Physical Laboratory. Cientistas e engenheiros do MIT e de Harvard. Robert Kahn, da ARPA, e Vint Cerf, na Universidade Stanford. Network Working Group, um grupo técnico cooperativo formado na década de 1960 por representantes dos vários centros de computação ligados pela Arpanet. Um grupo liderado por Cerf, Gerard Lelann (do grupo de pesquisa francês Cyclades), e Robert Metcalfe (Xerox PARC).

humanos e não humanos. Por mais que se pareça com a materialização de uma ideia platônica, sua narrativa não se identifica com a realização de um sonho, de um plano ou projeto (Carvalho, 2006).

Sistemas tecnológicos são socialmente produzidos e a produção social é estruturada culturalmente, sendo assim, a internet não é exceção. A cultura dos produtores da internet moldou o meio em que vivemos, tal como as redes sociais de todos os tipos reinventaram a sociedade que conhecemos. A internet é um meio de comunicação com linguagem e lógica próprias, atravessa todas as áreas particulares de expressões e, como está embutida na prática social, consegue ter poder sobre a mente humana (Castells, 2003).

Sua utilização para a comunicação predomina a do entretenimento, se utilizando da liberdade como princípio inaugural, o ciberespaço torna-se um terreno disputado, usado para informar, recrutar, oprimir, dominar e contradominar. Por possuir base para movimentos engajados na produção de uma nova sociedade, o campo virtual se torna uma espécie de alavanca de transformação social. Contudo, nem sempre em defesa de valores que beneficiam a maioria (Castells, 2003).

Antes do advento da internet, já se discutia sobre os efeitos do meio de comunicação e o sobre os conteúdos ali difundidos, com os termos das discussões muito semelhantes: os entusiastas elogiando as novidades tecnológicas e os céticos condenando, como sinal de “estupidificação” cultural. A internet aparece como o último meio a provocar esse tipo de debate, ainda muito polarizado, alguns anunciam como uma nova idade do ouro, de acesso e participação, e outros como a nova idade das trevas de narcisismo e mediocridade (Carr, 2011).

Contudo, a longo prazo, no que tange à influência sobre o modo de pensar e agir das pessoas, o que importa mesmo não é o conteúdo e sim o próprio meio de comunicação. Assim como uma janela que nos abre para o mundo, um meio popular molda o que vemos e como

vemos, tanto o que está ao redor quanto em nós mesmos, modificando, por fim, quem somos como indivíduo e sociedade (Carr, 2011).

Novas tecnologias estão possibilitando a imersão em mundos virtuais, como é o caso do metaverso, que é a criação de mundos e ambientes gráficos tridimensionais (3D), onde os sujeitos podem interagir de forma telepresencial, por meio de um avatar, criando novas relações sociais. Assim como é o caso da Realidade Virtual, que permite aos usuários experimentarem ambientes sintéticos e imersivos. As possibilidades de imersão em mundos virtuais podem mexer com a psique humana, afetando, por exemplo, a forma de se reconhecer (Tibúrcio & Moreira & Schmitt & Souza & Silva, 2022). O sujeito contemporâneo pode interagir ao mesmo tempo em duas realidades distintas, formando um novo eu a partir de avatares, experimentando novas maneiras de se aproximar de seus ideais, brincando de criar e recriar personagens a partir de suas fantasias.

O campo virtual acontece nas relações atravessadas pela tela, a interação se dá através de imagens e vídeos, tornando um campo propício a fantasias, idealizações e narcisismo. Segundo Gonçalves e Nuernberg (2012), o universo virtual, mediado pela internet, destaca-se por possibilitar a criação de um mundo paralelo, no qual só era possível em histórias imaginárias e que, atualmente, é experienciado por milhares de pessoas ao redor do mundo. Movimentos e segmentos sociais, individuais e coletivos, que tiveram início no ciberespaço, passam a se estabelecer enquanto uma cultura que vai muito além de simples diversão e interações em frente às telas, causando mudanças e impactos na vida cotidiana das pessoas.

Há aproximadamente duas décadas, desde a chamada internet comercial, em 1996, que o acesso à banda larga começou a ser oferecido ao pequeno usuário. Já a ferramenta Google iniciou em 1998, consolidando uma nova forma de interagir com a internet. A ferramenta do e-mail ou mensagem eletrônica foi introduzida em 1972, mas também se popularizou na década

de 1990, como uma aplicação relevante que continua a existir nos dias atuais, mesmo em tempos das redes sociais (Lins, 2013).

Como uma forma evolutiva das salas de chat, onde era possível trocar mensagens com outros participantes, surgiram as redes sociais, feito uma comunidade que abrigava amigos e contatos. Os primeiros serviços surgiram também na década de 1990, mas foi na virada do século que alguns obtiveram sucesso, como o Orkut e o Facebook, pioneiros das redes sociais (Lins, 2013).

Atualmente, estamos submergidos na cultura de multimídia que modificou radicalmente a forma com que todos lidam com a vida. Os usuários convivem com quatro tipos de telas de quatro gerações diferentes e que coexistem: a tela do cinema, advinda do século XIX; tela de televisão, meados do século XX; tela do computador, a partir dos anos setenta e, por fim, a do smartphone, típica do século XXI (Lins, 2013).

A tela está presente quase o tempo todo, os celulares se incorporaram ao cotidiano humano, ampliando e mudando as referências espaciais para sempre. Existe uma necessidade de se manter conectado, demandando o *status online* e visível, onde tudo é exibido, até as coisas mais banais, o que se busca é o olhar do outro, sua aprovação por meio das chamadas ‘curtidas’. Os usuários das redes postam o que consideram o melhor de si, inclusive se utilizam de perfis falsos para isso (Kallas, 2016).

Dados de 2024 revelaram que os brasileiros, entre as idades de 16 e 64 anos, passam em média mais de 10 horas conectados à internet, por dia. Na classificação mundial, o Brasil ocupa a terceira posição entre os países que mais gasta tempo navegando na internet, independente do dispositivo e da finalidade. Quando o assunto é rede social, o Brasil novamente ocupa o terceiro lugar, com o tempo médio de 3 horas e 37 minutos por dia (Data Reportal, 2024a).

O ritmo crescente das redes sociais é um fato, as taxas anuais de 2024 revelaram crescimento que ultrapassam a 5% de identidades únicas que começaram a utilizar plataformas

de redes sociais. No início de abril, foi contabilizado o número de 5,07 milhões de usuários totais, embora a contagem pode não representar indivíduos únicos e humanos, visto que há ferramentas que geram perfis falsos, para simular usuários ativos (Data Reportal, 2024b).

E não para por aí, segundo os dados do início de 2024, havia 144 milhões de identidades ativas de usuários de redes sociais no país. A rede social TikTok, por exemplo, conta com pelo menos 98,59 milhões de usuários, o Facebook com 111,3 milhões e o Instagram, liderando o mercado, com pelo menos 134,6 milhões de usuários ativos (Data Reportal, 2024c). Todos esses dados servem para entendermos a dimensão das redes sociais em nosso país, os usuários podem estar em todas elas, presentificar em vários espaços, podendo estar em todos eles, como uma sensação de onipresença.

O Instagram, que é a rede social atual com mais usuários, surgiu no ano de 2010, inicialmente a intenção era a captura de imagens, no estilo das clássicas Polaroids, contudo, a ideia se expandiu para a formação de uma rede social. Em 2012, o Facebook comprou a rede social, diversas alterações ocorreram desde então, dentre elas, a utilização de vídeos curtos, tornando a ferramenta mais interativa e subjetiva. Suas conexões possibilitam interações de pessoas do mundo todo, desde que possuindo os seguintes elementos: internet, o aplicativo Instagram e um dispositivo eletrônico (Ramos & Martins, 2018).

No ano de 2010, o compartilhamento de fotos na internet e nas redes sociais era relativamente comum, além disso, os celulares estavam integrando câmeras com muita qualidade e, sucessivamente, a condição das imagens acompanhava as atualizações. Foi nessa abordagem que os desenvolvedores focaram no aspecto visual do Instagram e criaram um aplicativo onde havia um serviço entre a captura da foto e o tempo de compartilhamento, quase instantâneo, pois, até então, era mais comum realizar o *upload* da foto que estava em uma câmera para o computador e, depois, carregar em alguma rede social, como o Orkut e o Facebook (Bentes, 2021).

Outro ponto relevante para o sucesso do aplicativo foi a criação de filtros, dado que as imagens de celular destoavam consideravelmente das imagens das câmeras digitais, assim os usuários criavam um efeito estético diferenciado e conferiam melhor qualidade às fotos, compartilhando-as com aspecto de pós-produção numa temporalidade quase instantânea (Bentes, 2021). Após esse primeiro momento da plataforma onde os filtros refletiam uma estética mais retrô, o Instagram vem promovendo desde então, pelo menos no Ocidente, a popularização de modificar imagens antes de postar nas redes sociais (Montardo & Prodanov, 2021).

O Instagram acompanhou as demandas sobre a instantaneidade e as fotos tiradas de câmeras dos celulares, alavancando ainda mais seu sucesso. A história da fotografia relacionada à rede social é considerada recente, visto que há 20 anos as câmeras analógicas não permitiam a manipulação imediata das imagens. Essa modificação provocou efeitos notáveis sobre as subjetividades, ainda mais no que diz respeito ao narcisismo da imagem de si. Nesse sentido, o século XXI vem consagrar-se num mundo das onipresenças das telas gerenciadoras de subjetividades (Gomes & Pedrosa & Teixeira, 2021).

Com a facilidade do uso oferecida pela mobilidade do smartphone, dispositivo que se tornou comum ao sujeito contemporâneo, o Instagram vem promovendo maior interação entre seus usuários e suas ferramentas, somando com a instantaneidade de compartilhamentos. Dentre as variedades de serviços oferecidos nos compartilhamentos de fotos, vídeos e mensagens, os usuários podem aplicar filtros digitais (Ramos & Martins, 2018).

Seduzidos por uma força irresistível, dispositivos como o Instagram capturam o tempo e a atenção até fazerem parte dos hábitos e cotidianos de seus usuários, quase um tique. Para tanto, ofertam ferramentas para a produção e consumo de imagens, modulando diferentes formas de ver e ser visto, inseparável de processos históricos de transformação na percepção e subjetividade humana (Bentes, 2021).

Não podemos deixar de lado um fato histórico e recente, que acometeu a população mundial: a pandemia da Covid-19. O ano de 2020 fez grande parte do mundo ficar dentro de seus lares, manter-se em quarentena e ter o mínimo de interação social com as pessoas. Nesse sentido, nos vimos diante das telas para continuar a realizar tarefas diárias: estudar, trabalhar, falar com amigos e familiares, procurar relacionamentos e distrações. Estava tudo diante de nossas mãos, só precisávamos da internet e de um celular.

Diante desse cenário, anos de inclusão digital aconteceram da noite para o dia. Fisher (2023) aponta as mudanças significativas na forma do uso de algumas redes sociais, como no caso do Facebook que, em alguns países, houve o aumento de 70%, já no caso do Youtube, seu tráfego quase triplicou. Neste período, partes do mundo também lidaram com outras crises, como é o caso da política, que utilizou de ferramentas para disseminar muito rapidamente informações, tanto falsas como verdadeiras.

Víamos pessoas compartilhando todo tipo de informação nas redes sociais, por determinados momentos, eram *fakes news*, não sabíamos mais no que acreditar, onde buscar informações verdadeiras. A tecnologia das redes sociais é muito predominante e tem o poder de exercer uma atração tão poderosa na identidade e psicologia das pessoas que transforma a nossa maneira de pensar, de se comportar e de se relacionar uns com os outros, “o efeito, multiplicado por bilhões de usuários, tem sido a transformação da própria sociedade” (Fisher, 2023, p. 21).

Mesmo após a volta das atividades presenciais e o término do isolamento social da Covid-19, continuamos conectados, o interesse pelas redes sociais e o jeito de interagir permaneceu. Muito se deve ao fato dos algoritmos, que é um tipo de inteligência artificial responsável pela captura do interesse dos usuários e por seu tempo gasto rolando a tela do celular, que tem como um dos resultados a sensação prazerosa desencadeada pela liberação da dopamina (Fisher, 2023).

Semelhante ao efeito cassino, os aplicativos se apoderaram de uma compulsão, podendo ser mais poderosa que a fome ou a ganância: a necessidade de se conectar. A dopamina participa como cúmplice das mídias sociais dentro do cérebro, é ela que faz parecer que o celular é um próprio caça-níqueis, vibrando, notificando e fazendo barulhinhos. Do ponto de vista neurológico, esses estímulos por si só são insignificantes, mas combinado com atividades naturalmente gratificantes, como enviar mensagens a amigos e olhar fotos, torna tudo extremamente atrativo (Fisher, 2023).

Diante desta reflexão, é possível compreender o alcance das redes sociais e como que, de uma forma ou de outra, acabamos capturados. Capturamos nossa selfie e nossa imagem e compartilhamos, as interações geram sensações prazerosas através de mensagens trocadas, pelo número de curtidas, de visualizações e engajamento. Podemos enxergar a inevitável relação entre a internet e o meio social, modificando e produzindo subjetividades, mudando as interações interpessoais radicalmente, onde estar conectado e ter um perfil na rede social é quase inevitável.

3.2 Selfie: o novo espelho

“O selfie não é um retrato ou autorretrato convencional . . . Eis um significante que marca a nova relação entre tecnologia e corpo; aqui, o olhar da câmera é um prolongamento do corpo, sem cortes. Ou seja, no mundo atual, sempre que precisar de alguém para olhar para você, você o encontrará no final de seus braços” (Veras, 2018, p. 206).

A selfie, como um novo espelho, aponta justamente para uma atualidade na produção identitária e na forma de olhar e ser olhado. Nesta perspectiva, observamos que os efeitos da integração do campo digital às subjetividades, como vimos, já é realidade, transformando a vida cotidiana e mudando paradigmas, sobretudo, nas redes sociais. Nesse sentido, entra em evidência a primazia da imagem, a exposição do próprio corpo espelhando uma referência de

si vinculada a uma lista de adjetivos inesgotáveis, de uma suposta felicidade plena e um corpo sem falhas.

Tecnologia e linguagem se relacionam, a palavra *selfie* é um exemplo dessa relação, seu aparecimento não é datado no mesmo período em que o autorretrato surgiu, além de ter diferentes instrumentos para sua realização. *Selfie* é uma modalidade de imagem fotográfica na qual o próprio fotógrafo tira a foto de si e a coloca em circulação por meio da internet (Soares & Nunes, 2020). Com um aparelho que tenha câmera em suas mãos, você só precisa esticar o braço e com um *click*, sua foto está pronta para ser postada em diferentes sites e redes sociais.

Algo tão comum nos dias de hoje que você pode tirar ou ver pessoas tirando *selfie* em praticamente qualquer lugar: restaurantes, shows, universidades, dentro de casa e até velórios. Tanto é que, em 2013, o Dicionário Oxford anunciou ‘*Selfie*’ como a palavra internacional do ano, notada por ter tido grande interesse e frequência na língua inglesa, totalizando um aumento de 17.000% em comparação com o mesmo período do ano anterior. Compreendida por substantivo e definida como “a photograph that one has taken of oneself, typically one taken with a smartphone or webcam and uploaded to a social media website⁴” (Oxford University Press, 2013).

O Brasil, e a maior parte dos países, também conceituou a fotografia realizada pelo próprio sujeito para ser postada nas redes sociais como *selfie*. No cenário nacional, a etimologia da palavra *selfie* não é autorretrato, os dicionários já apontam a palavra *retrato* para a compreensão de fotografia, contudo, a *selfie* tem sua distinção marcada na ideologia da globalização, no cenário das redes sociais (Soares & Nunes, 2020). *Retrato* falado, *retrato*, autorretrato são distintas maneiras de representar a si ou um outro, *selfie* é a captura de si por

⁴“Uma fotografia que alguém tirou de si mesmo, normalmente tirada com um smartphone ou webcam e carregada em um site de mídia social”, tradução livre.

meio de uma ferramenta digital para ser compartilhada nas redes sociais, podendo essa receber gratificações com comentários e curtidas.

Nesse sentido, tirar uma⁵ selfie demanda uma relação com a subjetividade, pois o espaço das redes sociais possibilita manifestações subjetivas no campo digital, como, por exemplo, no Facebook, em que existe um campo que pergunta ao usuário: “No que você está pensando?”. A subjetividade, que também está implícita em selfie, vem da etimologia da palavra inglesa *Self* - que pode ser traduzida por auto, eu, ego – e que marca o sujeito (Soares & Nunes, 2020).

Desta maneira, é possível compreender que a selfie não é apenas uma fotografia do retratado, mas também de seus processos subjetivos, que envolvem mecanismos de identificação e de constituição da instância psíquica do eu. Aquilo que é nomeado como o eu, que fala em primeira pessoa do singular, fala para além do corpo que está presente, conta com toda a história de um sujeito, o qual existe no tempo e no espaço e existe também em suas fantasias e idealizações.

A formação do eu e o espelho tem um lugar especial para a psicanálise, marcando um estágio de reconhecimento da unidade corporal para o sujeito. Lacan (1949/1998) usa o espelho como uma figura simbólica para falar de uma fase que antecipa, através da imagem de unificação do corpo, a imaturidade neurológica do *infans*, atualizando também o conceito de narcisismo primário freudiano, formando uma construção teórica nomeada de estágio do espelho.

O estágio do espelho compreende-se como uma identificação, gerada no sujeito, quando ele assume sua imagem. O *infans*, ainda fora do campo da linguagem e, portanto, antes de se situar sujeito, passa pelo júbilo do reconhecimento da imagem visualizada, refletida a partir de um outro primordial. Esse acontecimento situa a instância do eu, desde antes de sua

⁵Segundo o dicionário Priberam, a palavra selfie é considerada um substantivo feminino ou masculino. Sendo assim, utilizarei sempre como feminino.

determinação social, numa linha de ficção para sempre irreduzível diante da discordância de sua própria realidade (Lacan, 1949/1998).

O estágio do espelho é experienciado como uma dialética temporal que projeta absolutamente na história a estruturação do indivíduo, é um impulso interno que se precipita da insuficiência à antecipação, estabelecendo a relação do organismo com sua realidade e, primordialmente, fabricando fantasias advindas desde a imagem do corpo despedaçado até sua forma unificada, totalizada, chegando, por fim, em sua armadura de identidade alienante e anatomia fantasística (Lacan, 1949/1998).

Quinet (2012), a partir de Lacan, traz a concepção de que o eu é a instância do engano. Em meio ao processo da imagem se constituir totalitária, ela escamoteia a falta e o despedaçamento originários do sujeito. É a partir do espelho ou pela imagem do outro que a imagem do corpo é prefigurada, imagem que o sujeito se identifica para constituir seu eu. Essa imagem, convergida pelas pulsões autoeróticas, é o eu ideal, formado como imagem do outro, que será a unidade imaginária do eu.

Nasio (2009), seguindo os ensinamentos lacanianos, identifica o eu como o lugar de desconhecimento, por mais que sentir o corpo proporcione a certeza imediata de ser quem é, esconde a ignorância de quem é e de onde vem, como um conjunto de imagens subjetivas mutantes e constantemente contraditórias, resultante da interpretação pessoal e afetiva, substrato da identidade e alimentadas no amor e no ódio que cada um tem por si. “O eu é tanto a certeza de ser o que se é quanto a ignorância do que se é” (Nasio, 2009, p. 55).

A consciência do eu se dá pela via do conhecimento e não se equipara ao saber, que está na ordem do simbólico, conhecer o próprio corpo implica o momento configurador do estágio do espelho, conferindo o caráter narcísico do conhecimento do eu, que é, na verdade, um desconhecimento, na medida em que nada mais é senão a projeção da consciência sobre os objetos. Na simetria produzida no reflexo do espelho, existe a inversão perante o plano

especular, a imagem é diferente daquilo que ela representa, fazendo do estádio um apólogo do desconhecimento (Quinet, 2012).

Retomando Lacan (1960/1998), encontramos o modelo óptico para tratar justamente da esfera do eu - que Freud o faz na segunda tópica do id, ego e superego, principalmente em seu texto O ego e o Id, de 1923 - não nos deixando esquecer sobre os efeitos de refração condicionados pela clivagem entre o simbólico e o imaginário. Utiliza a ilusão do buquê invertido representando a relação com o outro e sua dupla incidência na construção subjetiva do imaginário e o real na constituição de um sujeito que pode falar, sem que ele mesmo nada saiba a respeito. Marca então a função do desconhecimento como princípio da formação do eu e indica o pouco acesso que o sujeito tem à realidade de seu corpo, perdida em seu interior.

Assim, há um fenômeno de esvaecimento dotado no Eu-sujeito, efeito estrutural que Lacan (1960/1998) constrói o lugar do sujeito, numa supressão do significante. Desse modo, a função do modelo é apresentar as funções pertinentes ao Eu Ideal, Ideal do Eu e a mola da fala, que, nesta topologia, é designada pelo Outro (ou A maiúsculo)⁶. O espelho é a analogia da relação imaginária com o outro, a captura do Eu Ideal arrasta o sujeito para o campo em que ele se hipostasia no Ideal do Eu. O modelo não torna mais evidente a posição do *objeto a* - causa do desejo -, pois, ainda que consiga dar imagem a um jogo de imagens, ele não pode descrever a função que esse objeto recebe do simbólico.

O *objeto a* aparece no esquema enquanto objeto parcial, não é apenas parte desvinculada do dispositivo que imagina o corpo, é elemento da estrutura desde a origem. Na medida em que é escolhido nos anexos do corpo como indício do desejo, ele já é o expoente de uma função que o sublima antes mesmo que ele a exerça, indicando a ausência de onde Isso fala. Refletido no espelho, o *objeto a* é restituído ao campo do Outro, na função de expositor do desejo no Outro

⁶Segundo o Dicionário de Psicanálise R. Chemama (1995), o A designa a palavra francesa Autre, que traduzida para o português significa outro, portanto, na teoria lacaniana o A maiúsculo indica o grande Outro, que não é semelhante, o A maiúsculo, um "grande A" é usado para distinguir do parceiro imaginário, o pequeno outro.

(Lacan, 1960/1998). A imagem real do corpo funciona na materialidade do sujeito como propriamente imaginário, pulsional, faltoso e, portanto, desejante.

Eu e o outro, o casal do estádio do espelho, assim como olhar e ser olhado, o observador e o observado, eis o que confere a base pulsional ao par que se forma no espelho. O caráter visual da experiência do espelho coloca em cena o olhar daquele que vem ocupar o lugar do Outro, na qual o sujeito se ajusta aos seus aplausos, tendo uma satisfação obtida pela captura narcísica da imagem desejada e idealizada de si mesmo, refletida em seu Eu Ideal. O Outro, enquanto discurso inconsciente, é um lugar (Quinet, 2012).

Esse Outro pode vir a ocupar a presença interiorizada dos que foram ou serão os eleitos de toda jubilação, tal como é, no nível global, a influência social e cultural do mundo no qual o sujeito está inserido, recobrando as pessoas e os determinantes sociais, tecendo a trama da fantasia inconsciente. A imagem do corpo é percebido tal como o sujeito o imagina, como fantasia, submetido ao julgamento do Outro interiorizado, assim, entre o corpo e o sujeito se interpõem inevitavelmente as lentes deformantes da fantasia, sempre falseando a percepção corporal (Nasio, 2009).

Todo esse construto subjetivo vai de encontro com o objeto olhar que enlaça o sujeito contemporâneo, emergido em redes sociais, encontrando satisfação em olhar e se fazer olhado. A selfie é como uma encarnação dos ideais sociais que enlaça e demanda sempre mais e mais: uma pose, um ângulo diferente, um aprimoramento com filtro de tratamento de imagem. Em troca, ganha-se curtidas, o que colabora diretamente para a sensação de cumprir e até atingir o Ideal do Eu imposto socialmente e culturalmente, mesmo que seja por tempo demasiadamente efêmero.

Inseridos em uma lógica de que é preciso aparecer para ser, a cultura valoriza as aparências, o espetáculo e a visibilidade, tornando a subjetividade não mais mediada através do espaço interior e com os próprios conflitos psíquicos, mas tornando-a propensa ao

exibicionismo que objetifica o reconhecimento do outro. Para além da noção de nocivo ou benéfico, uma das coisas que a evolução tecnológica permite é a continuidade das atividades, como no caso da pandemia, em que muitos segmentos da vida e do trabalho foram possíveis pelo uso da internet, por outro lado, não deixa de ser um dispositivo que responde à necessidade permanente de estimulação e reconhecimento advindos do outro (Alves & Lazzarini, 2020).

A relação entre olhar e ser olhado torna-se substancial ao sujeito mergulhado em laços sociais mediados, exclusivamente, pela tecnologia e que termina em relações narcísicas de objeto. Existe também o fator do tempo, que em velocidade instantânea se transpassa com um espaço de fronteiras tênues e demanda um trabalho psíquico complexo das exigências pulsionais de caráter narcísico. Inserido no contexto virtual, onde existe valorização da divulgação da intimidade, o eu e sua dimensão ficcional são direcionados a um trabalho de revisão de seus ideais, convocando, assim, o sujeito a encarar o postulado de sua incompletude (Alves & Lazzarini, 2020).

3.2.1 O corpo, a cultura e a tela

A representação de corpos, movimentos e da vida cotidiana não é novidade, passamos por vários movimentos artísticos, que datam de a.C. aos dias atuais. Segundo Meirinho (2009), no início do desenvolvimento da representação imagética e simbólica, as figuras eram desenhadas nas paredes das cavernas. Mais tarde, com o uso de tinta sobre telas, a pintura tornou-se uma forma de expressar e representar. Com o avanço tecnológico, o ser humano passou a registrar imagens em materiais fotossensíveis por meio de dispositivos mecânicos, marcando o surgimento da fotografia.

A fotografia surgiu ligada ao papel social que a pintura exercia no início do século XIX. Desde então, a imagem tem sido essencial para representar a realidade, sempre influenciada por aspectos culturais de tempo, espaço e pela ideologia do fotógrafo. A imagem fotográfica pode

ser modificada e alterar a realidade que inicialmente registrou; ela pode até ser considerada uma falsificação quando assume um caráter enganoso para o observador. Essa distorção pode ocorrer em diferentes momentos: antes do registro da imagem, durante o ato de fotografar, ou após o registro, por meio de processos de tratamento e reprodução (Meirinho, 2009).

Meirinho (2009) afirma que a necessidade de comprovar a realidade e de intensificar a experiência por meio de fotografias é uma forma de consumismo estético à qual todos nos rendemos. As sociedades industriais transformam seus cidadãos em dependentes de imagens, resultando em uma forma irresistível de poluição mental. Ao longo do século XX, a fotografia evoluiu com o surgimento do filme fotográfico, em seguida, com câmeras instantâneas e, mais recentemente, a fotografia digital, popularizada nos anos 1990 com a chegada das câmeras digitais e dos smartphones. Já nos dias atuais, um dos principais temas de debate sobre a fotografia digital é o questionamento da realidade que ela apresenta. A técnica suscita no espectador uma constante dúvida sobre se a imagem é real ou manipulada. Mesmo com processos que buscam legitimar a veracidade e autenticidade das imagens, a aura da dúvida permanece sobre elas.

Barus-Michel (2013) alega que os meios de comunicação visual, como a fotografia, o cinema, a televisão, o computador e os smartphones, nos colocaram em uma sociedade em que a tela é o símbolo incontestável, tornando a visualização e a visibilidade imperativos de uma sociedade da exibição. “Em vez de nos misturar com a vida, a tela se interpõe entre a vida e nós” (p. 34).

As imagens do mundo moderno possuem um forte efeito hipnótico. Elas são criadas para capturar a atenção, causar impacto e transmitir um senso de atualidade surpreendente, frequentemente inseridas em contextos ideológicos ou comerciais. Tais imagens apelam ao emocional, ao espetacular e ao inesperado. Além disso, exploram a fantasia, o desejo e as angústias, oferecendo aos indivíduos, que já têm uma identidade fragilizada e são

constantemente bombardeados por imagens, elementos para identificação e uma sensação de segurança (Barus-Michel, 2013).

Esses elementos de identificação consistem em aparências idealizadas, como top models e celebridades, que o indivíduo busca imitar, reduzindo-se ao status de imagem. A cirurgia estética é um meio utilizado para transformar o corpo e torná-lo uma réplica desses corpos dos sonhos exibidos pelas revistas. A fotografia atua como modelo e também como critério de avaliação dos resultados (Barus-Michel, 2013).

A sociedade hipermoderna, que acredita ter superado a modernidade, parece mergulhar em uma contemplação fascinada de um mundo imaginário visual. Ela se observa avidamente no espetáculo que cria para si mesma, projetando o mundo em telas, confundindo a tela com o mundo e tomando a si própria pelo que é exibido nelas (Barus-Michel, 2013). Seguindo por este mesmo caminho, Birman (2013) coloca que, nos dias atuais, a visibilidade se transformou em matéria-prima do cogito, subvertendo o conhecido aforisma de Descartes - “penso, logo existo” - em uma nova fórmula: “vejo e sou visto, logo existo” (p. 49).

Como consequência de tal modificação, destaque-se um deslocamento fundamental na tradição social e cultural contemporânea, sendo que o sujeito passou de um código de existência baseado na ideia de reconhecimento do ponto de vista simbólico, tendo como valor central as obras que o sujeito produzia e realizava, para um novo código que se organiza em torno da presença e da visibilidade como valores essenciais. Essa posição de ser visto, junto com a concreta presença corporal diante do outro, é que determinam a experiência de sentir-se existente (Birman, 2013).

Presença e visibilidade podem então ser entendidas como signos da existência do sujeito, nesse deslocamento do registro teórico do discurso para o domínio da imagem. A experiência simbólica de reconhecimento, mencionada anteriormente, se manifestava e ganhava forma por meio do discurso; já a experiência de ver e ser visto pertence integralmente

ao universo da imagem. Enquanto antes a imagem, quando presente, era deliberadamente inserida no contexto do discurso e ocupava um papel secundário, hoje é o registro da imagem que prevalece de maneira dominante, deixando o discurso em segundo plano (Birman, 2013).

Não é preciso ir muito longe para entendermos o que isso significa, hoje, entre as redes sociais mais utilizadas no cenário nacional, que são o Instagram e TikTok, não possuem espaço de escrita para pensamentos e depoimentos, como acontecia com o Orkut e o Facebook. Atualmente a interação acontece por meio de vídeos, reels, stories e postagens, onde a legenda é totalmente opcional. Até mesmo no e-mail e no WhatsApp, lugares onde a escrita é essencialmente o meio de comunicação, podemos, por diversas vezes, trocar uma palavra por *emoticons*, que são figuras e/ou imagens as quais trazem consigo seus próprios signos. Algo ainda mais recente são as figurinhas trocadas no WhatsApp, que possibilitam conversas somente por meio de imagens.

De fato, conforme Birman (2013), houve o deslocamento do registro teórico do discurso para o da imagem e não há dúvidas de que, se anteriormente a imagem inscrita no registro do discurso era sempre de forma subalterna, na contemporaneidade, o registro da imagem se impõe de maneira soberana, repelindo o discurso para o segundo plano. Nesse sentido, a questão que se apresenta é como, no Ocidente, houve uma ruptura decisiva que levou o cogito a se concentrar no domínio da imagem, impondo a visibilidade como critério central para a existência do sujeito.

Debord (2007) também discorre acerca do social e a sua relação com a imagem, mais especificamente sobre a espetacularização da vida. Para o autor, o espetáculo é o contrário do diálogo, representa a exaltação da aparência e afirmação que toda vida humana, em seu aspecto social, é mera aparência. O espetáculo, segundo o autor, é compreendido como o resultado e o propósito do modo de produção vigente. Não é um mero complemento ao mundo real ou um elemento decorativo, mas sim o núcleo da irrealidade na sociedade real. Seja por meio da

informação, propaganda, publicidade ou do consumo direto do entretenimento, o espetáculo se apresenta como o modelo dominante da vida social e reafirma continuamente a escolha já feita na produção, tendo como resultado o consumo.

Tanto sua forma quanto seu conteúdo servem como uma justificativa completa das condições e dos objetivos do sistema existente. A linguagem do espetáculo é composta por signos da produção dominante, que funcionam simultaneamente como princípio e objetivo final dessa produção. O espetáculo, ao distorcer o real, é concebido de modo que a realidade vivida seja materialmente invadida pela contemplação do espetáculo, reproduzindo dentro de si a lógica espetacular por meio da adesão (Debord, 2007).

Debord (2007) ainda coloca que a realidade objetiva se manifesta em ambos os lados: no espetáculo e na vida real. O objetivo é criar uma transposição mútua, onde o espetáculo permeia o real e o real se reflete no espetáculo. Essa alienação recíproca constitui a essência e o alicerce da sociedade contemporânea. Sendo assim, o mundo real acaba se convertendo em simples imagens e estas, por conseguinte, tornam-se seres reais e motivações eficazes, próprias de um comportamento hipnótico. “No mundo realmente invertido, o verdadeiro é um momento do falso” (p. 16).

De um mundo invertido, podemos lembrar o que Lacan (1960/1998) fala a respeito da ilusão do buquê invertido, que faz referência ao modelo óptico realizado pelo físico Bouasse⁷, onde o buquê real não está englobado no vaso real (dentro da caixa). Ele nos apresenta o esquema do espelho côncavo, o lugar do observador e os objetos, juntos formam um jogo de imagens que englobam o vaso e o buquê, resultando, para o observador, a apreensão entre a imagem virtual e a imagem real de tal maneira que o valor da imagem é o valor simbólico, ou seja, ela simboliza algo no nível significante para o sujeito, organizando-se, por

⁷Henri Bouasse (1886-1953) foi um físico francês que mostrou, experimentalmente, um esquema no qual o observador posicionado em um ponto específico consegue enxergar um vaso com a imagem de um buquê de flores projetado sobre este. Isso acontece devido às propriedades ópticas do espelho côncavo.

fim, de tal maneira que não se distingue mais o que é da imagem virtual e o que é da imagem real.

As questões relacionadas ao espelho, à imagem e à constituição do eu, tanto neste modelo do buquê quanto no estádio do espelho - trabalhada anteriormente -, sempre é posta em evidência referente à importância da presença de um outro, que estabelece a relação entre o sujeito e os objetos. Quando nos voltamos para a imagem exposta na rede social, não necessariamente terá um outro de imediato que fará a função de reconhecimento, o que existe é a máquina que captura e posta a imagem, mas não serve de espelho. No lugar do reflexo, do outro, tem apenas um símbolo (curtidas) que ocupa o lugar do olhar, deixando o sujeito carente de contornos simbólicos e à mercê de idealizações narcísicas.

Diante do exposto, é possível entender como a imagem foi ganhando espaço e valor na vida atual, visto que socialmente a visibilidade foi tomando o espaço de outras maneiras de ser e estar no mundo. O modelo de mercado acompanha e incentiva a exposição, divulgando aparelhos com câmeras cada vez com mais qualidade, criando plataformas digitais e redes sociais para interação ao vivo por meio de videochamadas, inteligência artificial e avatares. Os sujeitos, inseridos nessa lógica de reconhecerem-se a si e ao outro por meio imagens, são levados a priorizar as aparências, por simplesmente responderem às demandas sociais impostas.

No campo psicanalítico, Sibilia (2016), em seu livro *O show do eu: a intimidade como espetáculo*, também reflete acerca da temática da espetacularização da vida e da primazia da imagem. Para a autora, no contexto virtual compartilhado pelos internautas, além de mais interativos e dispostos a exibir experiências, os sujeitos estão se tornando mais visuais do que verbais, ancorados cada dia mais na cultura crescente de imagens. Assim, o império das palavras se desmonta para dar lugar à lógica da visibilidade, desempenhando papel primordial na construção de si e da própria vida como um relato. No espetacularizado século XXI, o jogo de espelhos sofreu grande inversão, ao invés de reconhecer na ficção da tela um reflexo da vida

real, a vida é avaliada segundo o grau de satisfação de expectativas criadas ao se exibir nas telas (Sibilia, 2016).

A prática de compartilhar a vida por meio de imagens está tão naturalizado que atualmente é praticamente impossível você encontrar dispositivos portáteis de informação e comunicação que não tenham incorporado uma câmera digital, o que parece ser um sintoma claro de tal prática, assim como a selfie. Sibilia (2016) comenta, em seu livro, sobre a estranheza da frase que leu em uma notícia, o ano era 2015 e a manchete dizia: “Selfies matam mais do que ataques de tubarões” (p. 22).

Isso porque as pessoas se arriscam em busca da melhor selfie, mesmo que seja na beira do abismo, no alto de uma escada ou em outras situações arriscadas, superando o número de vítimas fatais causadas por mordidas de tubarões. Há algo de muito significativo nesse tipo de notícia, que evoca o mito de Narciso, não é somente ele que morreu devido ao reflexo da própria imagem (Sibilia, 2016). Se na mitologia encontramos a sedução de Narciso por seu próprio reflexo, na experiência da selfie, o sujeito é seduzido por um olhar para além do espelho, advindo de um outro digital.

A sociedade pós-moderna, intrínseca ao campo virtual, se caracteriza por uma fragmentação, falta de unificação e de simbolização, como resultado, os indivíduos ficam entregues às próprias intensidades, a excessos de excitações corpóreas. Sem controle e sem encontrar mediadores simbólicos que deem conta, as pulsões são descarregadas no corpo e na ação (Kallas, 2016).

Em suma, o que se busca com o exibicionismo nas redes é seduzir, provocar, agradar e demonstrar o quanto se é belo e feliz, nas vitrines, o que se vê é uma versão otimizada das próprias vidas. Na performance de si, cada sujeito usuário faz uma cuidadosa curadoria do próprio perfil, pretendendo ganhar a maior audiência com os melhores efeitos (Sibilia, 2016). Afinal, qual é o corpo a ser exibido na selfie?

3.3 A feminilidade e sua relação com o corpo

*“. . . as imagens já foram sujeitadas a um simbolismo inconsciente, ou seja, a um complexo - que torna oportuno lembrar que as imagens e símbolos **na** mulher não podem ser isolados das imagens e símbolos **da** mulher" (Lacan, 1960, p. 737).*

O corpo é objeto de estudos de muitos campos do saber e pode ser visto e entendido de diversos ângulos, podendo ser o corpo biológico da anatomia; o corpo social da sociologia e psicologia social; o corpo da arte e admiração; o corpo histórico; o corpo estético e da beleza e o corpo subjetivo da psicanálise, que se refere ao corpo da representação inconsciente, objeto do psiquismo, investido em significações e construído em sua história e seus fantasmas (Lazzarini & Viana, 2006). Este último é o corpo que nos interessa.

A psicanálise freudiana, a partir de sua teoria da sexualidade, vai revolucionar a concepção de corpo, partindo do corpo biológico, da pura necessidade à noção de corpo erógeno, inserido na linguagem, na memória, significação e representação. Logo no início de seu trabalho com a histeria, o criador da psicanálise percebe que a fala afeta o corpo e, então, pela via do sintoma, faz um diálogo no qual sobressai a ideia da presença de um conflito inconsciente que remete a um desejo de ordem sexual (Lazzarini & Viana, 2006).

Por mais que Freud tenha iniciado sua investigação junto com Breuer, no final dos textos considerados pré-psicanalíticos, decidiu seguir sozinho com a escuta das mulheres e histéricas, dedicando-se a ouvir e aprender com elas sobre um saber ainda não sabido (Freud, 1893-95/2016). A histeria era uma doença relacionada ao útero, conseqüentemente, entendiam que somente as mulheres sofriam desse mal no século XIX. Desde a Antiguidade Clássica, a histeria se deu como extensão do exame patológico dos órgãos sexuais femininos, ou seja, o corpo em evidência é o que particularizava a histeria da mulher. Freud, nesse sentido, desvinculou o

conceito de histeria do *hysterus* grego, abrangendo além da manifestação demoníaca proposta pelo cristianismo e a encenação montada por Charcot, tornando o corpo, para a psicanálise, a fonte e a base para o desenvolvimento da sexualidade, iniciado desde o nascimento (Freire, 2002).

Segundo Freud (1893-95/2016), “. . . a histeria surge pela repressão, motivada pela defesa, de uma ideia intolerável” (p. 400). A histeria daquela época acontecia devido a uma grande repressão que vinha da cultura, a qual exigia da mulher um papel social, um padrão no qual não se levava em conta o feminino de cada sujeito, a saída encontrada na castração de cada uma dessas mulheres.

Houve uma importante mudança que influenciou a psicanálise quando se rompeu o conceito de sexologia existente no Ocidente, atuante na segunda metade do século XIX, definida apenas para finalidade da reprodução da espécie, onde a sexualidade era identificada com o órgão genital. Tudo que escapasse à regra era tido como comportamento de modalidade perversa. Para a psicanálise, a sexualidade não tem apenas um sentido, mas uma multiplicidade de significados, onde vigora a complexidade polissêmica do tema (Birman, 1999).

Desse modo, a noção de sexualidade e da diferença sexual foi trabalhada em muitos momentos na obra freudiana, quando propôs falar do desenvolvimento psicossocial infantil, que tem o Complexo de Édipo como desfecho desta constituição. Ainda que haja na obra freudiana uma articulação entre falo e o órgão, possuir ou não o pênis, sabemos que não devemos confundi-los, pois o falo é designado por seu suporte imaginário, o que está em evidência no complexo de castração é o par presença-ausência, o que põe em funcionamento a relação com a falta na constituição subjetiva. Portanto, os efeitos do Complexo de Édipo não são exclusivos a nenhum órgão anatômico, afetando ambos os sexos biológicos.

Em seu texto “Três ensaios sobre a sexualidade”, Freud (1905/2016) dá início ao trabalho sobre a noção da sexualidade iniciada desde a infância, definindo a sexualidade infantil

como perverso-poliforma, também utiliza o conceito de pulsão para tratar o corpo como erógeno, marcado pela mãe como fonte de prazer, tendo algumas zonas erógenas em destaque nessa fase do desenvolvimento, sendo elas: boca, ânus e genitais. O Complexo de Édipo surge como organizador do desenvolvimento sexual infantil, justamente quando a região genital adquire importância.

Após esses primeiros apontamentos, Freud (1923/1925/2011), em “A organização genital infantil”, desenvolve a fase edipiana na vida sexual do menino, dizendo faltar conhecimento dos processos que correspondem à organização na menina, mesmo assim, deixa explícito que, para ambos os sexos, ainda é o genital masculino que entra em consideração, “não há . . . uma primazia genital, mas uma primazia do falo” (p. 152).

Freud (1923/1924/2011) vai formalizar o complexo no texto “A dissolução do complexo de Édipo”, afirmando que, de forma geral, nesta fase, a carência do pênis é entendida como resultado de uma castração, em que o falo assume uma posição de destaque. Em outras palavras, na divisão dos sexos, meninos e meninas são postos a encarar a realidade da castração, a qual define a diferença sexual com base em um único elemento: o falo. Até esse momento, o complexo no menino, o primeiro a ser desenvolvido na obra freudiana, já tinha sua dissolução bem definida.

Para o pai da psicanálise, encontrar as possibilidades do feminino não o levou a esgotar suas investigações. Freud (1926/2014) diz que sabemos menos sobre a vida sexual da menina pequena do que sobre a do menino, e não há motivo para nos envergonharmos dessa diferença, “também a vida sexual da mulher adulta é um dark continent [continente escuro] para a psicologia (p. 164)”. Por muito tempo, a dissolução do Édipo na menina ficou como uma incógnita.

Somente após alguns anos, em "Sobre a sexualidade feminina", Freud (1930/1936/2010) formula a dissolução do Édipo feminino, na qual, em um primeiro momento, a mãe é o objeto

de amor e o clitóris a zona erógena - fase pré-edípica - e depois, o pai passa a ser o objeto de amor e a vagina a zona erógena. É importante uma diferença no paralelismo entre o complexo da menina e do menino, pois a menina não possui o pênis, então, o temor de perder é substituído pela contestação de não ter. A saída do Édipo considerada normal é uma certa equivalência entre feminilidade e maternidade, desse modo, por não ter o pênis, a menina se contentará quando tiver um filho.

Em "A feminilidade", Freud (1930/1936/2010) consegue dar uma outra organização sobre o masculino e o feminino, considerando o aspecto social sobre essas definições. Compreendemos, dessa maneira, que se trata de atitude masculina e feminina e não como configurações identificadas ao sexo biológico, então, ser mulher ou não inclui os ideais socialmente construídos.

A partir da leitura freudiana do Complexo de Édipo, Lacan concebe a realidade anatômica a partir da linguagem, onde o falo é menos um órgão e mais um significante que o interpreta como a marca irreduzível da diferença sexual. Podemos compreender a trajetória lacaniana acerca do tema, principalmente em alguns momentos, em 1949, por exemplo, no texto "O estádio do espelho como formador do eu", onde já trabalhamos aqui sobre a estruturação da imagem unificada. No "Seminário 4", Lacan (1956/1957/1995) vai tratar sobre a relação de objeto com as formas que a falta assume na constituição subjetiva: a privação, a frustração e a castração.

Já no "Seminário 5", Lacan (1957/1958/1999) assume a importância do Complexo de Édipo na sua relação inconsciente, onde avança em sua teoria no que se refere ao estádio do espelho na formação do eu, a mãe enquanto o Outro que oferece ao bebê o campo simbólico, marcando-o de significantes que serão essenciais na construção subjetiva e da própria imagem. Trata também da identificação da criança com o falo e, por fim, sobre a metáfora paterna.

Em 1958, no texto “A significação do falo”, Lacan (1958/1998) discute fundamentalmente o falo e sua relevância enquanto estatuto de significante estruturado para o campo sexual. Não encerra por ali a dimensão do falo, Lacan (1971/2009), no “Seminário 18”, discute a relação fálica enquanto semblante, como um ordenador que faz a relação sexuada funcionar, mas que também caracteriza um impasse ao gozo sexual no homem e na mulher. A possibilidade de o sujeito encontrar o Outro sexo (tanto para homens quanto para mulheres) envolve confrontar o falo e o vazio inerente à sua dimensão significante, ou seja, à sua natureza de semblante.

No “Seminário 19”, Lacan (1971/1974/2012) novamente trabalha a questão dos sexos, quando afirma que “não há relação sexual” (p. 13), está precisamente formulando a noção de que o sexo biológico não define nenhuma relação no ser falante. Não se trata de negar a existência da diferença no que é chamado de menina e menino, destacada desde cedo pelo órgão. Lacan chama de pequena diferença, essa que justamente está presente nos pais há um bom tempo, fato que surte efeitos na mocinha e no rapazinho, induzindo ao erro de identificá-los por aquilo que os diferenciam e, ainda mais, por reconhecê-los unicamente a partir dos critérios criados na dependência da linguagem, indicando que é porque o ser é falante que existe o complexo de castração.

Lacan (1971/1974/2012) ainda se ocupa da conceitualização da frase, assim, o *existe* é para significar um sentido, existe um sentido, e é como significante que todos existimos. O que nos interessa aqui em existir como significantes é que *existe pelo menos um* em que isso não funciona, que é o Pai. Esse Pai é enquanto mito, que Lacan faz referência ao Totem e Tabu freudiano, o Pai não é castrado e é exatamente por isso que pode possuir todas. E também é somente nesse nível que existe *todas*, pois é às mulheres que o termo não-todo interessa. “Fica reservado ao *não-todas* indicar que a mulher tem, em algum lugar, relação com a função fálica, e nada mais” (p.44).

Outro conceito importante desenvolvido por Lacan é o gozo, se refere ao encontro da linguagem com o corpo, experimentado tão singularmente pelo sujeito. Aos tipos de gozos somos todos suscetíveis, independente dos conceitos de gênero e sexualidade, a anatomia não é capaz de assegurar a posição sexual ao sujeito. Em última instância, Lacan localiza o homem e a mulher por sua modalidade de gozo. Lacan utilizou-se da lógica para desenvolver as fórmulas da sexuação, dividida em dois lados: o masculino e o feminino. O masculino encontra-se no gozo fálico, é pela via do significante fálico que sustenta essa posição, inscrito no discurso fálico (Lacan, 1972/1973/2008).

Sobre o lado feminino, Lacan sustenta que a mulher (ou qualquer ser falante que se inscreva ali) é não-toda referida ao falo, escapa ao domínio significante e não se sustenta em nenhuma exceção, seu gozo é Outro, portanto, é o não-todo. Lacan, em última instância, localiza o homem e a mulher por sua modalidade de gozo. A mulher inscrita nesse gozo Outro, e, dessa maneira, não-toda inscrita na ordem fálica, não permitirá nenhuma universalidade, pois, no lado feminino, não há uma figura que funde um conjunto de mulheres, já que nenhuma mulher está isenta da regra, estando todas sujeitas à castração, assim como os homens (Lacan, 1972/1973/2008).

Desse modo, a mulher não pode ser incluída em um conjunto fechado, mas deve ser contada individualmente, uma por uma. “. . . A mulher, isto só se pode escrever barrando-se o A. Não há A mulher, artigo definido para designar o universal” (Lacan, 1972/1973/2008, p. 79). A é o significante único que não pode significar nada, mas somente isto: fundar o estatuto d’A mulher, na medida em que ela é ‘não-toda’, o que não permite falar de A mulher (Lacan, 1972/1973/2008).

Ainda que Lacan fale das fórmulas da sexuação, das posições subjetivas masculina e feminina, todos entram para a linguagem a partir do suporte fálico imaginário, é através dele que a operação do Complexo de Édipo se desenvolverá. Antes de formular as posições de gozo,

Lacan (1962/1963/2005) trabalhou amplamente sobre o conceito de *objeto a*, onde indica que o sujeito, ao se inscrever no campo do Outro, é marcado pelo significante, ficando dividido e clivado por uma inconsciência inevitável.

Esse ato de clivagem dá início ao contínuo movimento de seu desejo. Dessa operação de divisão, relacionada à entrada na linguagem, resta um resíduo — algo que não se encaixa no domínio do simbólico e não é completamente condicionado pela linguagem. Essa parte do indivíduo, anterior ao sujeito e que permanece fora do simbólico, é o *objeto a*. Desde o início, no reconhecimento da própria imagem, já podemos encontrar sua primeira forma de abordagem, esse reconhecimento, contudo, é limitado, pois algo do investimento primitivo em nosso ser, que advém do fato de existirmos como corpo, escapa. Essa imagem, portanto, caracteriza-se por um falta, ou seja, pelo fato de que aquilo que é convocado ali não pode se manifestar (Lacan, 1962/1963/2005).

Ela [imagem] orienta e polariza o desejo, tem para ele uma função de captação. Nela, o desejo está não apenas velado, mas essencialmente relacionado com uma ausência. Essa ausência é também a possibilidade de uma aparição, ordenada por uma presença que está em outro lugar. Tal presença comanda isso muito de perto, mas o faz de onde é inapreensível para o sujeito. Como lhes indiquei, a presença em questão é a do *a*, o objeto na função que ele exerce na fantasia (Lacan, 1962/1963/2005, p. 55).

Diante da elaboração teórica sobre o campo do feminino, que não é sem o *objeto a*, a falta, foi possível compreender todas as articulações e certas dificuldades que a psicanálise enfrentou na tentativa de dizer sobre o que é uma mulher. Por último, Lacan nos guiou sobre a falta de um significante que diga: a mulher é. Posto isso, novas articulações foram possíveis, a partir da sociedade contemporânea e sua relação com o corpo da mulher e sua imagem.

Ao escrever sobre a relação entre cultura e corpo, Freire (2002) se utiliza de conceitos psicanalíticos e faz uma interessante interpretação acerca da mulher, a histeria e a cultura, onde

desprovida de um símbolo, um significante que diga o que é a mulher e a procura de um que lhe garanta sua existência real, a mulher aceita se histericizar pela cultura, bem como histericiza a cultura, de forma mútua. Dessa maneira, aparecem possibilidades de encontrar algo que lhe marque, como, por exemplo, o circuito visual, construído pela cultura. Sendo assim, podemos pensar em um mal-estar social expressado via telas, lugar possível de mulheres buscarem um certo tipo de apagamento da diferença a fim de algo que as definam.

A partir da leitura psicanalítica de Kehl (2016), o criador da psicanálise compreendeu a recusa das históricas em aceitar a feminilidade como modelo de subjetivação e de sexuação, porém a mulher freudiana, posterior aos efeitos da castração, permanece atada à representação do corpo. A castração é condição, entre outras coisas, de todo vínculo, transferencial ou não, de nossa humanidade e, por esse motivo, está na base do laço social e de toda fala dirigida ao outro. O falo, simbolizável a qualquer objeto que a cultura confere valor, não pertence a sujeito nenhum, contudo, está ao alcance de todos.

Ainda sobre a relação da histórica, da castração e do falo, Lemos (1992) indica que o sintoma histórico apresenta-se como puro traço significante à procura de uma significação, ora, por isso, é simbolizável a partir de qualquer objeto. Até porque, o falo só existe na qualidade de significante barrado, nunca aparece como tal, passamos a vida a procurar e ao imaginar que encontrou, na verdade, não passava de uma cópia faltosa, ou seja, na ordem simbólica, não há como se significar plenamente, exigindo que o sujeito encontre um lugar em uma de suas posições.

E uma das posições possíveis é a feminina. A descoberta da diferença sexual coloca em risco a universalidade do falo, pois por haver diferença, a criança assimila uma falta: a do pênis. Assim sendo, marca-se que a vagina é ausência e o pênis é presença, introduzindo uma falta impensável pela criança que leva também ao entendimento de que, se há presença, poderá haver falta e o próprio pênis fica marcado pela incompletude (Lemos, 1992).

Possuir o pênis não é garantia contra a castração, mas é fundamental na estruturação da dimensão imaginária do eu, na influência do narcisismo secundário na qual devem se organizar as identificações e os ideais. A dimensão imaginária do eu na mulher é marcada pela impressão infantilizada da ausência de um detalhe no corpo, desencadeando uma das possíveis saídas à feminilidade, a produção de falicidade a partir dos efeitos fascinantes da beleza e da sedução (Kehl, 2016).

A recusa da castração no corpo feminino pela menina atinge a própria imagem corporal. Kehl (2016) compreende que esse perigoso mecanismo de defesa corresponde à falta de um traço identificatório pelo qual a menina consiga apoiar sua certeza, sempre imaginária, sobre a questão do seu ser. “Que o único traço aceito como ‘normal’ pela psicanálise seja a feminilidade – o investimento na beleza corporal, de modo a fazer do corpo todo um falo – explica por que, entre os psicanalistas, a feminilidade seja tão frequentemente associada à histeria.” (p. 172).

Seguindo esse caminho possível da feminilidade, retornemos aos dias atuais. As mulheres, submetidas aos imperativos de cada época, impossibilitadas de criar, uma a uma, seu semblante, elas são forçadas a aceitarem o semblante da Mulher contemporânea de maneira autoritária, como no passado, aos afazeres que correspondiam às normas. Hoje o ideal de completude permeia sobre as mulheres, com trabalho e produção incessantes, além de sucesso, independência e corpo perfeito (Cardoza & Caldas, 2013).

A fabricação da mulher sem falhas se apoia no discurso capitalista, com sua grande variedade de objetos tecnológicos, faz laço com esses objetivos, também chamados gadgets. No discurso corrente, a ciência tem também suas investigações obedientes às leis de mercado, visando garantir a eficácia do gozo ao prometer fórmulas mágicas de apaziguamento dos diversos tipos de sofrimento, podendo ir de cirurgias plásticas ao medicamento tarja preta, passando pela eterna busca da juventude, do emagrecimento, da conta bancária (Cardoza & Caldas, 2013).

Neste cenário, o sujeito só e passivo tenta se assegurar de alguma consistência subjetiva, pois, diante da constante exposição de uma imagem de si, ele se vê exposto ao gosto do mercado. Na tentativa de se fazer consistente, entra na dimensão da uniformidade, replicando os olhares, gestos e ditos virtuais que estão em alta, exibindo sua imagem nas redes, convocando o olhar de um Outro que lhe possibilite alguma consistência no ambiente em que é todo mundo igual (Souza & Stengel, 2022).

Fazendo uma aproximação do estádio do espelho com o campo das redes sociais, o olhar do outro representa as curtidas e os comentários de aprovação, dando o caráter de reconhecimento ao sujeito e a confirmação da imagem unificada. A condição da imagem é de apenas uma máscara de um Eu Ideal revestida pelo desejo do Outro, e, por isso, não cobre plenamente o ser, fazendo com que o sujeito do inconsciente escape da fixação de sentido que uma imagem possa estabelecer, marcando definitivamente o caráter de desconhecimento e estranheza da própria imagem (Souza & Stengel, 2022).

Diante desse eu imaginário e estranho, o sujeito precisa e evita lidar com o desconhecimento de si, sendo atraído pelas inúmeras possibilidades oferecidas pelo ciberespaço, como alterar, retocar ou mudar a imagem. O campo virtual reflete, como um espelho digital, a imagem idealizada de si, que, ao ser admirada por outros usuários, assume seu status de imagem a ser desejada e buscada, levando uma construção de identidade a partir de um ideal, ainda atrelada ao reconhecimento do Outro. Os laços sociais contemporâneos parecem se sustentar na ascensão da dimensão imaginária e, em contrapartida, a dimensão simbólica e, portanto, do Outro, encontra-se em declínio (Souza & Stengel, 2022).

Desse modo, as imagens tornam-se inconsistentes e as identidades forjadas a partir delas também, mergulhando o sujeito na possibilidade de se mostrar em múltiplos perfis, usando imagens que não correspondem à sua realidade corporal, intelectual, econômica. Em um mundo no qual os reconhecimentos simbólicos estão enfraquecendo, as possibilidades de identidades

mutantes e múltiplas tentam dar corporeidade ao sujeito, fazendo restar apenas as representações de imagens (Souza & Stengel, 2022).

Segundo Sibilía (2016), as complexas fronteiras entre ficção e realidade ficam cada vez mais emaranhadas, devido ao funcionamento que as telas adquiriram nos dias atuais, interconectadas, parecendo cenários ideais para cada um realizar a performance de si mesmo. O sujeito, atingido por um social que cultua e cultiva sem cessar o eu, é convocado aos ditames identitários do mercado, que costumam ser sedutores, tirânicos e onipresentes.

Das muitas leituras que realizei em torno do virtual, me deparei com algumas notícias, encontradas em sites de revistas e jornais, que informavam o fato de alguns países, entre eles a Noruega e o Reino Unido, formularem leis próprias para serem aplicadas no contexto digital. Para fins publicitários, foram proibidos a modificação corporal e/ou o uso de filtros nas imagens, sem o aviso prévio, nas redes sociais. A regra abrange principalmente produtos cosméticos que exageram em seus resultados, promovendo uma aparência impecável que impõe conceitos de beleza, reforçando padrões de beleza sobre-humanos.

A lei existe para assegurar algum tipo de ordem e convivência, logo parece que a barreira entre real e virtual está tão tênue a ponto de produzir um mal-estar social. Podemos observar uma preocupação já existente em torno da distorção de imagem, assim sendo, já é possível notar os efeitos tecnológicos na subjetividade do sujeito e sua relação consigo mesmo. Podemos pensar nas mulheres enquanto representantes da maioria atingida por um padrão mediado pelas redes sociais?

Segundo uma pesquisa realizada em 2023, pela International Society of Aesthetic Plastic Surgery (ISAPS, 2023), o Brasil é o segundo país do mundo que mais realiza procedimentos, totalizando 3,3 milhões, perdendo apenas para os EUA. E é o primeiro no mundo que mais realiza procedimentos exclusivamente cirúrgicos, com 2,1 milhões de cirurgias por ano. Os dois países contam com o maior número mundial de cirurgias plásticas. A mesma

pesquisa revelou que, embora houvesse aumento de procedimentos realizados por homens, as mulheres ainda representam a grande maioria com 85,5% dos procedimentos cosméticos mundialmente.

Esses números dizem sobre algo da nossa sociedade. Freire (2002) reitera que a mídia atual promove o que falta, em torno do espelho ou de uma foto, algo sempre será inadequado ou insuficiente, tornando o consumo da perfeição do corpo um fenômeno social à custa da neurose de cada um. Dotadas de significados, as imagens atingem a região menos vigiada no psiquismo humano, apelando aos prazeres e impondo um falso aspecto da realidade sem qualquer tipo de reflexão sobre os padrões e modelos que vigoram no imaginário popular.

Para além do desconhecimento da própria imagem, podemos pensar também em um estranhamento de reconhecer a si mesmo em uma determinada foto, pose ou até diante do espelho. Quem nunca se surpreendeu ao dar de frente com um espelho e, somente passado alguns segundos, conseguiu se reconhecer na imagem ali refletida? Talvez a nossa primeira experiência de reconhecimento passe pelo estranhamento de nós mesmos, por uma sensação infamiliar.

3.4 O estranho sou eu

“Ai, ai! Como tudo está esquisito hoje! E ontem as coisas aconteciam exatamente como de costume. Será que fui trocada durante a noite? Deixe-me pensar: eu era a mesma quando me levantei esta manhã? Tenho uma ligeira lembrança de que me senti um bocadinho diferente. Mas, se não sou a mesma, a próxima pergunta é: ‘Afinal de contas quem sou eu?’ Ah, este é o enigma!” (Carroll, 2009 p. 25).

A psicanálise inaugurou o campo metapsicológico do inconsciente, trazendo à tona a existência de um outro que não se reconhece no eu, um saber desconhecido, um infamiliar. Freud (1914/2010), em Introdução ao Narcisismo, afirma que o eu tem que ser desenvolvido,

pois não é uma unidade existente desde o começo do indivíduo, ele vai trabalhar conceitos fundamentais na construção do eu e da escolha de seus objetos.

No narcisismo freudiano, as pulsões sexuais apoiam-se, inicialmente, na satisfação pulsional do *eu* e, somente após um período, se tornam independentes. Dois tipos e fontes de escolha de objeto são reconhecidos, chamados de apoio e de narcísico. Para ilustrar, vamos pensar no bebê que necessita integralmente dos cuidados de uma pessoa que nutre, protege e cuida, por exemplo, a mãe. O objeto sexual escolhido será, portanto, a mãe, nomeado de apoio (Freud, 1914/2010).

Já o que Freud nomeou de narcísico trata-se de um desenvolvimento libidinal que sofreu perturbação, não elegendo seu posterior objeto de amor baseado na mãe, mas o de sua própria pessoa. Contudo, esses dois caminhos não são opostos, significando apenas que cada pessoa terá sua preferência na escolha de objeto, seja a mãe (ou cuidador) ou ele próprio e que, no futuro, eventualmente se expressará de forma dominante na escolha de objeto. Essa fase denomina-se narcisismo primário (Freud, 1914/2010).

Essa primeira experiência do narcisismo original pela criança será remontada na fase da escolha de um parceiro, nomeado de narcisismo secundário. Tal como uma transposição do mesmo para o objeto sexual, a superestimação sexual consente que surja o romance, remontando um empobrecimento da libido do eu em favor do objeto. Freud ainda nos apresenta um breve sumário que a pessoa que ama percorre até a escolha objetal, podendo ser conforme o tipo narcísico: amar a si mesmo, amar o que foi ou gostaria de ser (Freud, 1914/2010).

Freud dedicou um tempo especificamente no caso da mulher, quando justamente se encontra num caso de amor por ela mesma. Descreveu como a fase narcísica que se desenvolve na mulher, “em particular quando se torna bela” (p. 23), surge na mulher uma autossuficiência que repara a pouca liberdade imposta socialmente na escolha de seu objeto, amando a si mesma

com a mesma intensidade na qual é amada pelos homens e complementa dizendo que sua necessidade não está tanto em amar quanto em ser amada (Freud, 1914/2010).

A atração que tais mulheres exercem não se deve apenas por sua estética, por serem as mais belas, mas também por um estado psíquico bem-aventurado, seu narcisismo gera grande fascínio para aqueles que estão em busca do objeto de amor e que desistiram da dimensão de seu próprio narcisismo. Quase invejável se torna a mulher na posição libidinal inatacável, posição esta que fora abandonada por muitos e que, para o apaixonado por ela, resta a dúvida quanto ao amor, a queixa quanto aos enigmas de seu ser e sua incongruência entre os tipos de escolha de objeto (Freud, 1914/2010).

Dito isso, faço uma referência deste último ponto com o texto freudiano de 1919, O Inquietante⁸ [1], onde podemos encontrar uma ligação do infamiliar, do estranho com o narcisismo não superado e de fantasias que resistem à castração. Compreende-se como o inquietante algo assustador que remonta ao que é há um tempo muito conhecido, ao bastante familiar. Após Freud realizar um trabalho minucioso da palavra *unheimlich*, suas diferentes utilizações, em dicionários de diversas línguas estrangeiras e a busca por dicionários alemães, concluiu que:

O termo *heimlich* não é unívoco, mas pertence a dois grupos de ideias que, não sendo opostos, são alheios um ao outro: o do que é familiar, aconchegado, e do que é escondido, mantido oculto. *Heimlich* é também o local livre de fantasmas . . . *Unheimlich* seria normalmente usado como antônimo do primeiro significado . . . *Unheimlich* seria tudo o que deveria permanecer secreto, oculto, mas apareceu (Freud, 1919/2010, p. 338).

É interessante o que Freud nos oferece ao colocar todos esses significados, o que nos dá a oportunidade de compreender toda a complexidade da palavra, até por isso, nas traduções brasileiras deste texto, podemos encontrar diferentes traduções: o estranho, o inquietante, o

⁸Utilizarei a tradução da palavra alemã *das unheimlich* escolhida pela editora do livro que eu realizei a pesquisa: o inquietante.

infamiliar. Já em outras línguas, como o francês, espanhol, italiano, inglês, encontramos: o sinistro, o perturbador, o omissivo. Nenhum outro vocábulo das obras freudianas apresenta tantas variações e soluções diferentes (Iannini & Tavares, 2019).

Após outras investigações acerca do tema, Freud chega à concepção de que o inquietante trata-se do animismo, da onipotência, da técnica da magia, da superestimação narcísica dos processos psíquicos e do ilimitado narcisismo característico da infância, que se defendia da evidente objeção da realidade. As pessoas, em seu desenvolvimento pessoal, passam por essa fase de animismo advinda dos primitivos e que não passou sem deixar vestígios e traços (Freud, 1919/2010).

O inquietante então cumpre a condição de tocar nesses fragmentos de atividade psíquica animista e atizar sua manifestação, não importando se inicialmente era ele mesmo angustiante ou carregado de outro afeto. Se todo afeto de um impulso emocional é transformado em angústia pela repressão, existirá um grupo em que se possa mostrar que o angustiante é algo do reprimido e que retorna, como algo que deveria permanecer oculto, mas apareceu. O inquietante irá sempre remontar ao reprimido que foi há muito tempo conhecido. “O sufixo *un* usado em *unheimlich* é a marca da repressão” (Freud, 1919/2010, p. 365).

Assim como Freud utilizou o conto de Hoffmann, Homem de Areia, para discorrer sobre o inquietante, trago para esta discussão o filme irlandês dirigido por Yorgos Lanthimos, a partir de um roteiro de Tony McNamara, adaptado da obra de 1999, escrita por Alasdair Gray. Vencedor de vários prêmios, *Poor Things*, estreado em 2023, me remete ao inquietante, justamente na característica dos personagens principais, numa incerteza de que eles sejam animados ou inanimados (Lanthimos, 2023).

Convido-os a fazer uma assimilação entre a boneca animada do texto freudiano e a personagem Bella Baxter. Para contextualizar, o longa-metragem conta a história de Bella, uma mulher jovem com comportamentos infantis, está aprendendo a falar e andar, basicamente uma

criança no corpo adulto. Contudo, antes de entendermos que se trata exatamente disso, o enredo nos coloca o enigma sobre quem ou o que é a personagem, o que aconteceu com ela, nos põe em dúvida sobre seu caráter vivo, humano ou artificial (Lanthimos, 2023).

No desenrolar da história, descobrimos que Bella, no passado, morreu. Teve seu cérebro substituído pelo de seu filho ainda não nascido, que se encontrava ainda em gestação. Foi, assim, trazida de volta à vida num experimento feito pelo cientista e médico nada ortodoxo, doutor Godwin Baxter, chamado de ‘God’ - traduzido do inglês: Deus (Lanthimos, 2023). A trama fornece muito conteúdo para análise, mas o que nos interessa é seu caráter inquietante e estranho.

O inquietante aparece justamente pela possibilidade de um equívoco quanto ao próprio eu, ou então, a substituição deste. E por fim, um eterno retorno do mesmo, a repetição. A personagem Bella carrega em si uma ideia do duplo: pois é a mulher e o bebê – a mãe e o filho, em um mesmo corpo. Além disso, antes de retornar à vida, Bella foi Victoria Blessington, uma mulher casada com Alfie Blessington, que aparece na trama e a leva para sua antiga casa, sua antiga vida. Bella quer ir, quer saber mais sobre Victoria, por isso abandona tudo para experimentar essa pessoa que ela já foi um dia. Algo que é seu, algo que é o seu próprio eu, lhe é desconhecido, mas familiar ao ponto de fazê-la embarcar neste pedaço de si que não lhe pertencia, mas que quis conhecer.

Um oposto, mas semelhante, que deveria ser secreto, mas apareceu. Assim, *Poor Thing* convida o espectador a revisitar os vestígios do duplo e do infamiliar. Um corpo adulto sem memórias, sem reconhecimento do mundo, de si e da linguagem, quase que um corpo inanimado em movimentos estranhos, mas familiares. Uma mulher adulta com gestos infantis e grotescos, que porta em si as ambiguidades, oposições e semelhanças que carrega o *heimlich* e *unheimlich*. Existe também a ideia do duplo enquanto um tema de efeito inquietante, a

passagem direta de processos psíquicos de uma pessoa para outra, ou seja, seus sentimentos, vivências e identificações.

Voltemos a Freud (1919/2010), que nos diz que os efeitos advindos da ficção cria novas possibilidades de sensação inquietante, que não se acham na vida. Segundo ele, o inquietante da ficção, da literatura e da fantasia consegue transmitir ao espectador, justamente, algo que vai muito além do que é possível em nossas vivências, fazendo aparecer acontecimentos que muito raramente ou jamais são encontrados na realidade, pois denuncia a superstição que supostamente tínhamos superado. Sendo assim, nos enganamos e quando notamos, é tarde demais. O efeito inquietante é facilmente encontrado quando a fronteira entre fantasia e realidade é apagada, ao se deparar com um real que até então era entendido como fantástico, quando um símbolo abrange a função e o significado pleno do simbolizado.

Ao utilizar um outro exemplo, Freud evoca o conto de fadas: “Quem diria ser inquietante, por exemplo, que a Branca de Neve abra novamente os olhos?” (Freud, 1919/2010, p. 367). Nesse sentido, para continuarmos a discussão, retomo uma das mais célebres obras infantis: Aventuras de Alice no país das maravilhas e também sua continuação Através do espelho e o que Alice encontrou por lá, ambas de Lewis Carroll e publicadas em 1865 e 1898, respectivamente. As histórias são carregadas de surpreendentes decisões que levam a personagem Alice em um mundo maravilhoso e inquietante, se posso fazer essa analogia.

Tudo começa quando Alice avista um coelho branco, até aí, nada de extraordinário, nem mesmo o fato de ouvir o coelho conversando consigo mesmo foi esquisito – apenas depois ela observou que deveria ter ficado espantada com o fato –, só se impressionou quando viu o coelho tirar um relógio do bolso do colete (Carroll, 2009). É neste tom cômico que se inicia a obra de 1865, com uma criança achando corriqueiro um coelho falar, porém tirar um relógio do bolso de seu colete, isso já é absurdo.

Em toda a obra, podemos encontrar Alice se questionando sobre quem ela é, tornando isto um grande enigma. Passagens textuais que indagam quem era ou quem é, se foi trocada e não recorda, de não saber dizer de si, de não se reconhecer nela mesma e de não querer perder o próprio nome. O texto também nos envolve em falas que dizem respeito a várias mudanças da personagem e que isso lhe desorienta sobre conseguir se reconhecer. Existem momentos em que ela pede ajuda aos outros para lhe dizerem qual é o caminho que deve tomar ou o que deve fazer em determinada situação, mostrando seu equívoco sobre sua pessoa (Carrol, 2009, 1832/1898).

No decorrer da história, Alice tomou líquidos e comeu bolinhos que magicamente a faziam diminuir de tamanho ou aumentar, de tal forma que mal conseguia enxergar os próprios pés, pois estavam muito distantes de sua cabeça. Em meio às mudanças de tamanhos, a personagem, hora ou outra, também se questionava sobre si, em suas conversas consigo mesma aludia sempre a duas “Alices”, como, por exemplo: “não adianta nada fingir ser duas pessoas! Ora, mal sobra alguma coisa de mim para fazer uma pessoa apresentável” (p.21). (Carrol, 2009).

E por meio de interrogações a respeito do seu eu, a personagem segue em muitas aventuras, nada na lagoa de suas próprias lágrimas, encontra pelo caminho animais e plantas falantes, gato que podia sorrir, lagarta que fumava narguilé, bebê que virava porco e diversas criaturas curiosas. Tudo ganha vida em ambos os contos, objetos inanimados cheios de ânimos, peças de xadrez viram personagens importantes de rei e rainha, os irmãos gêmeos que brincam com a quase idêntica similaridade que ultrapassa a aparência (Carrol, 2009, 1832/1898).

Por mais que a história de Alice flerte com o maravilhoso, que é uma das características do inquietante, não nos engana por muito tempo, visto que os objetos inanimados ganham vida logo de início. Mas, por outro lado, somos convocados pela sua dimensão de duplo, apontando então o outro modo do inquietante, advindo de complexos infantis superados. De acordo com Freud (1919/2010), este tipo de inquietante situa-se no terreno da realidade material, contudo,

pode perder-se nas realidades fictícias, pois não é raro que os limites entre os tipos de inquietante sejam tão apagados.

Segundo Freud (1919/2010), o inquietante das vivências se produz assim que complexos infantis reprimidos são novamente ativados, ou no momento em que crenças primitivas superadas parecem novamente confirmadas. O que devemos compreender, o que podemos retirar do inquietante, tanto de Bella quanto de Alice, é o caráter de estranhamento que o eu experimenta, diante de um duplo, que envolve as questões subjetivas do sujeito, com o narcisismo e a constituição da imagem.

Por mais que o corpo, a partir da construção freudiana, constitua a matriz inaugural da instância psíquica do Eu, ela é definida pela somatória heterogênea de imagens introjetadas, uma a uma, em diferentes tempos cronológicos, mediante mecanismos de identificação. Este, por fim, incide sobre um traço do objeto e não sobre sua forma totalitária, por isso, a imagem do Eu é sempre parcial (Rabêlo, Dias & Martins, 2022).

A imagem que tratamos em psicanálise converge com a importância da imagem em tempos de redes sociais, visto que sabemos que a imagem é do campo do imaginário, é sempre parcial, causa estranhamento, está do lado do desconhecimento e do engano (quando comparado ao campo do sujeito do inconsciente). Nos interrogamos sobre a possibilidade do infamiliar, daquilo que reside ainda no sujeito, de seus complexos infantis não superados, ter efeito na relação do sujeito e sua relação com a imagem, a ponto de utilizar uma ferramenta de edição de imagem, tornando-se um outro eu, quase um duplo.

Inclusive, recentemente, foi estreado um filme que, de certo ângulo, ilustra perfeitamente a noção de duplo que o eu experimenta. Chamado de *The Substance*, estreou no mês de setembro de 2024, com roteiro e direção de Coralie Fargeat e catalogado como gênero de *body horror*, o filme ganhou destaque no cinema e nas redes sociais, gerando muito debate em torno da trama. Trata-se da celebridade Elisabeth Sparkle que tem sua carreira em declínio

ao ser demitida do programa fitness que apresentava, a personagem descobre que o motivo desse acontecimento é devido a sua idade e sua aparência nada jovial (Fargeat, 2024).

Em meio ao desespero de perder sua posição de estrela de Hollywood e encontrando-se solitária, sem amigos ou família por perto, Elisabeth decide experimentar uma misteriosa e ilegal droga que promete dar-lhe sua melhor versão. Sem nada conhecer da droga, de seus resultados e efeitos colaterais, ela aceita usar a substância pela promessa de torná-la jovial novamente. A personagem passa por um estranho processo de clonagem caseira, criando uma versão mais jovem dela mesma, chamada de Sue, essa nova versão surge de seu próprio corpo, um rasgo de sua coluna dá vida a uma sócia (Fargeat, 2024).

Elisabeth e Sue podem coexistir, desde que alterando suas existências a cada sete dias, enquanto cada versão enfrenta os desafios da fama e da identidade. Conforme Sue ganha destaque e fama, consegue o lugar de Elisabeth no programa de televisão e, cada vez mais, ultrapassa o tempo limite de sua experiência temporária, a relação entre as duas se deteriora, levando a consequências horríveis e transformações físicas grotescas. Existem momentos notáveis em que Elisabeth tenta parar com o uso da substância, buscando aceitar sua idade, sua aparência e sua identidade atual, mas ela não consegue, sacrificando sua própria vida por uma nova versão (Fargeat, 2024).

O filme oferece uma crítica contundente à obsessão da sociedade com a juventude e a perfeição, destacando os extremos a que se pode chegar para manter a aparência. Por mais que, na trama, a regra do uso da droga clandestina seja clara - trocar a cada sete dias, não é isso que acontece. Existe também uma expressão que sempre aparece em momentos de confusão, quando Elisabeth se perde em sua outra versão: você é única (Fargeat, 2024). A frase, ao invés de ajudá-la, a confunde mais. Afinal, como é ser única, tendo a possibilidade de ser uma outra versão, melhorada e com todas as oportunidades pela frente?

E, assim, *The Substance*, combina elementos de horror e sátira para refletir sobre as pressões enfrentadas pelas mulheres na busca pela beleza idealizada, além de trazer elementos de inquietante e do duplo. Os exemplos da literatura e cinema advindos desde uma obra datada de 1832 a um filme lançado em 2024, mesmo representados de formas distintas, sendo um, inicialmente, através de desenhos em papel e retratados em um livro e outro através de encenação cinematográfica, podem apontar que, apesar da passagem do tempo, tocam o sujeito na mesma temática, que é a questão do inquietante.

O que nos interessa é o quanto a temática sobre a imagem e o questionamento sobre o eu estão sempre no imaginário popular, fazendo com que muitas produções deem voz às mais variadas formas de expressar, o que foi há muito tempo, reprimido. Contudo, atualmente com as redes sociais, juntamente com uma ferramenta muito específica, o filtro, a idealização de uma versão melhorada torna-se real (pelo menos em formato virtual de foto e vídeo) com apenas um toque.

Existem diversas pesquisas que investigam as consequências do uso de filtros na autoimagem dos indivíduos, inclusive, para o processo de aculturação desta pesquisa, foi feito um processo de revisão sistemática de literatura e, neste recorte, não foi encontrado referencial teórico psicanalítico. O que encontramos foram estudos empíricos que tratam sobre o uso de filtro e a relação da imagem.

De qualquer forma, para contextualizar melhor alguns efeitos dessa relação, usaremos o estudo empírico de Montardo e Prodanov (2021), que buscou compreender a relação do uso de filtros do Instagram Stories e a percepção de beleza de seus usuários, usando uma selfie da pesquisadora e aplicando 5 filtros diferentes, todos escolhidos aleatoriamente, localizados a partir do termo *beauty*. O estudo consistiu na aplicação de um questionário com perguntas abertas e fechadas, com participantes em sua grande maioria sendo mulheres.

As pesquisadoras perceberam que os participantes usavam filtros para alcançar os efeitos de pele lisa, nariz fino, lábios volumosos e uso de maquiagem, que são exatamente as alterações propostas pelos filtros utilizados no estudo. Isto é, provavelmente, a plataforma reverbera o que entende por belo incentivando um padrão de beleza. No geral, todos os filtros suavizavam a aparência da pele, mudavam o formato do rosto, nariz e lábios, clareavam os olhos e disfarçavam marcas de espinhas e olheiras (Montardo & Prodanov, 2021).

Logo, o resultado indica que a ideia de uma mulher bela embutida nos filtros utilizados é a beleza de uma mulher jovem, dentro dos padrões estabelecidos pelo modelo ideal do momento. Além disso, precisa performar a felicidade, a qual pressupõe bem-estar e beleza, quantificada através de curtidas, comentários e visualizações, fazendo com que os filtros se ajustem a essa dinâmica, tornando as selfies supostamente mais belas. E a beleza que se trata é justamente a que tem maior engajamento, e isso acontece quando uma selfie apresenta pele lisa, maquiada, nariz finos e lábios volumosos, formando, assim, um movimento em espiral e incessante (Montardo & Prodanov, 2021).

Devemos fazer uma observação relevante quanto a essa pesquisa, trata-se do público participante, o qual em sua maioria reside no estado brasileiro do Rio Grande do Sul, totalizando 92% (Montardo & Prodanov, 2021). Sendo assim, podemos entender que essas características encontram-se em determinadas populações, com características semelhantes, não sendo possível generalizar o padrão de beleza compartilhado entre os participantes.

Segundo a pesquisa de Ferreira (2023), existe um descontentamento prévio do público negro feminino com a utilização de filtros na rede social Instagram, levando algumas mulheres a pararem de aderir à ferramenta, quando essa não atua de forma benéfica. A autora concluiu que pode haver uma redução do uso de filtros, ao menos entre a pequena amostra de participantes que se voluntariou a usar os filtros de realidade aumentada no experimento, pois

existe uma padronização de filtros que beneficiam apenas as características de mulheres brancas, as tomando como um padrão universal de beleza.

3.5 A Coisa que falta em mim

Não há uma utilidade evidente da beleza; sua necessidade cultural não se deixa entender, e, no entanto, não poderíamos prescindir dela na cultura. A ciência da estética investiga as condições sob as quais o belo é experimentado; sobre a natureza e a proveniência da beleza ela não pôde fornecer nenhum esclarecimento; como de costume, a falta de resultado é encoberta por um dispêndio de palavras altissonantes e vazias de conteúdo. Infelizmente, nesse sentido, a Psicanálise tampouco diz muito sobre a beleza (Freud 1930/2020, p. 329).

A partir do texto percorrido, é possível pensar a imagem enquanto um objeto de consumo? Freud (1930/2020) diz que a felicidade é procurada sobretudo no gozo da beleza, podendo aparecer por meio dos sentidos e julgamentos, nas formas e gestos, de objetos naturais e paisagens, de criações artísticas e científicas. Este gozo tem um caráter peculiar, é levemente inebriante e essa posição estética, perante a meta de ser feliz, consegue compensar muitas coisas, mesmo oferecendo pouca proteção contra os sofrimentos ameaçadores.

Já Lacan, relaciona a questão da beleza com o instinto de destruição. Para chegarmos lá, devemos lembrar do que ele chama de “categorias fundamentais - o simbólico, o imaginário e o real” (Lacan, 1959/1960/2008, p. 30). Sabemos que os conceitos de real, imaginário e simbólico são fundamentais para a compreensão do sujeito. Podemos pensar, de forma resumida, que o imaginário é o lugar das identificações narcísicas e responsável pela apreensão da imagem de si. O simbólico, relacionado à linguagem, à lei e ao Outro, tem aqui o sujeito que, ao entrar na linguagem, se depara com o campo do desejo, já que há uma clivagem estrutural de uma unidade do ser originário com o real. O real é o que está fora da possibilidade

de simbolização e que resiste à interpretação, aparece como corpo pulsional, fonte de gozo e acompanha o sujeito, podendo aparecer como falta ou excesso, sinalizando o impossível da totalidade.

Interessa-nos, especialmente, o campo do real, já que é na relação com esse registro que Lacan coloca a Coisa. Lacan (1959/1960/2008) sinaliza que toda a questão da ética do desejo deve incidir em torno da noção de real. No Seminário sobre a ética da psicanálise, trabalha profundamente a relação do objeto com o desejo, em uma dinâmica marcada por uma falta irrepresentável: *das Ding*. Traduzido por a Coisa, Lacan inicia o trabalho do conceito relembando o texto freudiano pré-psicanalítico intitulado Projeto para uma psicologia científica (1895), onde o criador da psicanálise elabora um aparelho psíquico a partir do plano científico, para explicar o funcionamento mental em termos neurológicos e fisiológicos. Entre os pontos que ele desenvolve estão o princípio de prazer-desprazer e a diferenciação de classes de neurônio, mostrando a tendência do aparato neuronal de livrar-se da excitação descarregando-a, para alcançar um estado de equilíbrio.

Freud (1895/1996), para ilustrar o funcionamento psíquico, descreve a experiência do bebê recém-nascido e sua condição inaugural de desamparo absoluto e dependência de um cuidador externo, a fim de responder a satisfação de suas necessidades. Essa relação primária é essencial para o desenvolvimento psíquico, pois o bebê começa a estabelecer associações entre suas necessidades e os objetos externos que as satisfazem, além de ser um marco central para a construção de sua relação com o outro.

Lacan (1959/1960/2008) faz a leitura do projeto freudiano e usa a experiência inaugural de satisfação da necessidade de fome do bebê, onde o seio materno tem a função de objeto que alivia a tensão - fome - e proporciona o prazer, a fim de localizar *das Ding*. O psicanalista francês identifica *das Ding* como a presença originária desse objeto perdido – algo que inicialmente proporciona satisfação, mas cuja perda é estrutural. O cuidador, que ocupa o lugar

do Outro, intervém na condição de desamparo do bebê, deixando uma marca de satisfação ao responder à demanda e gerar alívio. Contudo, essa satisfação nunca é completa, criando um hiato que funda o desejo e introduz, de forma definitiva, a dimensão da falta e a busca pelo que foi perdido.

A partir daí, a busca de uma experiência de satisfação total não cessará. Lacan (1959/1960/2008) utiliza e readequa os princípios de prazer e realidade freudiano, articulando com o funcionamento do desejo. “O prazer não se articula na economia humana senão numa relação com esse ponto, certamente deixado vazio, enigmático, mas que apresenta uma certa relação com o que é para o homem a realidade” (p. 54). Entende-se que *das Ding* atua como o ponto central em torno do qual o desejo gravita, sem nunca ser plenamente alcançado. Dessa forma, o desejo mantém o sujeito em constante movimento entre o Princípio do Prazer (a busca pela satisfação) e o Princípio da Realidade (as limitações e mediações dessa busca).

Desse modo, Lacan (1959/1960/2008) faz uma distinção fundamental entre *das Ding* e *die Sache*. Ambas palavras são alemãs e ambas se traduzem por a coisa. A *sache* é a coisa, produto da indústria ou da ação humana, dirigida pela linguagem e sempre posta à superfície, ao alcance de ser explicada. “*Sache* e *Wort* estão, portanto, estreitamente ligados, formam um par” (p. 60). Neste sentido, há relação entre coisa e palavra, onde o ser humano consegue colocar em palavras as coisas que criou, mas *das Ding* está em outro lugar, não está nessa relação, há outra coisa em *das Ding*, que é o “verdadeiro segredo” (p. 60).

Segundo Lacan, esse segredo se refere ao princípio de realidade, que, desde Freud, mostra-se, em partes, fracassado e mantendo sua importância de forma marginal. Aquilo que não é nomeado de necessidades da vida, mas carrega em sua fórmula algo muito mais forte: a pressão, a urgência, alguma coisa que quer, o estado de urgência da vida. É este campo que *das Ding* aparece, como a coisa que não pode ser satisfeita, pois ultrapassa o campo da necessidade (como a fome) e se mantém fora do campo das satisfações concretas (Lacan, 1959/1960/2008).

Portanto, a diferenciação entre *sache* e *das Ding*, vai justamente nesse sentido, pois a Coisa não se articula simbolicamente com a necessidade, existe uma falta, um vazio impossível de simbolizar.

Ainda seguindo o texto freudiano do Projeto para uma psicologia científica (1895), o psicanalista francês nos mostra a operação realizada pela intervenção desse outro no que tange à realidade e como essa intervenção dará início ao mundo de desejos que o sujeito se orientará. Diante da experiência do desamparo inicial e a busca de um objeto que satisfaça o mal-estar, novas operações subjetivas são constituídas e instauram uma dinâmica específica de relação com a realidade: “Esse objeto estará aí quando todas as condições forem preenchidas . . . evidentemente, é claro que o que se trata de encontrar não pode ser reencontrado. É por sua natureza que o objeto é perdido como tal. Jamais ele será reencontrado” (Lacan, 1959/1960/2008, p. 68).

Por meio desse objeto desde sempre perdido e, por isso, jamais encontrado, será por onde o desejo orbitará. É fundamental nos atentar para o que Lacan (1959/1960/2008) postula sobre a condição do objeto com a Coisa, ele nos diz que não há bom ou mau objeto, o que existe é o bom e o mau e só depois existe a Coisa, pois o bom e o mau localizam-se pela ordem da *Vorstellung* (representação), o que orienta a posição do sujeito. De acordo com o princípio do prazer e com o que nunca deixará de ser representação, o sujeito encontra-se em um estado de anseio, de busca, de espera por algo que está sempre afastado da Coisa, ainda que seja regulado por ela.

Ora, nesse campo do desejo, existem dois obstáculos: o bem e o belo. Começaremos com o bem. Lacan (1959/1960/2008) lembra do Bem Supremo, onde realiza uma discussão a partir da perspectiva aristotélica e platônica, mostrando como Freud introduz sua ética em outro lugar, não correspondendo a essas perspectivas. Desde sempre, o bem se articula com a Lei. Essa Lei não é a lei moral, que segue uma ética normativa, universal e que busca um bem

natural, mas trata-se da lei simbólica, a interdição realizada pelo Outro na configuração da castração, marcando o sujeito e possibilitando sua entrada no campo simbólico.

Lembremos que o sujeito é barrado (\$), essa barra consiste justamente na barra da castração. Lacan (1959/1960/2008), em sua releitura freudiana, nos lembra da lei fundamental, primordial, que rege a cultura na medida em que se opõe à natureza. No sentido moderno, a lei fundamental que rege a cultura é a lei da interdição do incesto, do qual, a partir daí, temos como consequências todas as ramificações culturais, como a condição para que exista a fala. Segundo Lacan, é nessa direção que Freud constata o incesto com o desejo mais fundamental.

O que encontramos na lei do incesto situa-se como tal no nível da relação inconsciente com *das Ding*, a Coisa. O desejo pela mãe não poderia ser satisfeito pois ele é o fim, o término, a abolição do mundo inteiro da demanda, que é o que estrutura mais profundamente o inconsciente do homem. É na própria medida em que a função do princípio do prazer é fazer com que o homem busque sempre aquilo que ele deve reencontrar, mas que não poderá atingir, que nesse ponto reside o essencial, esse móvel, essa relação que se chama a lei da interdição do incesto (Lacan, 1959/1960/2008, p. 85).

Para Lacan (1959/1960/2008), esse privador é uma função imaginária, dada desde o estádio do espelho, articulando a partir de então no nível simbólico. A questão do bem se localiza no interior do que chamamos de estrutura, que se difere radicalmente do que se conhece por utilitarismo. As necessidades encontram-se, para o sujeito, no útil, assim, quanto maior for a utilidade para a maioria das pessoas, melhor. Portanto, o bem não é um bem natural, como uma resposta a uma necessidade, mas sim algo relacionado a um poder possível que é um outro, o outro semelhante, par imaginário, um poder de privar os outros de seu bem, ou seja, de gozar deles (Lacan, 1959/1960/2008).

Pois bem, esse Bem Supremo não existe, assim como *das Ding*, assim como é a mãe um objeto incestuoso, um bem proibido, tal qual nos diz a lei moral. O desejo é outra coisa, que

segue a uma outra lei, Lacan (1959/1960/2008) nos diz: “a dimensão do bem levanta uma muralha poderosa na via de nosso desejo. É mesmo a primeira com a qual lidamos em cada instante e sempre” (p. 274).

Por essa afirmação, podemos entender que buscar o bem - como entendemos culturalmente - distancia o sujeito da relação com seu próprio desejo. Neste mesmo sentido, para além do princípio do bem, Lacan aborda a função do belo. Ele identifica a experiência do belo com o fenômeno estético, sendo esse belo o esplendor da verdade, contudo, não nos confundamos, pois está mais próximo do mal do que do bem. “É evidentemente por o verdadeiro não ser muito bonito de se ver, que o belo é, se não seu esplendor, pelo menos sua cobertura” (Lacan, 1959/1960/2008, p. 260).

Lacan (1959/1960/2008) avança em Freud no que se refere à relação do artista com sua obra, que cria a partir de um desejo proibido um belo produto de arte e faz disso um objeto dentro do campo dos bens, tornando-o mercadoria. Para o psicanalista francês, existe uma relação ambígua entre o belo com o desejo: de um lado, parece possível que o horizonte do desejo seja afastado do campo do belo, do outro, ele continua se manifestando. O belo exerce o efeito de suspender e desarmar o desejo, pois sua manifestação intimida e proíbe o desejo.

Lacan (1959/1960/2008) utiliza a tragédia, mais especificamente de Antígona, para articular a função do belo, onde seu efeito resulta da relação do herói com o limite, alguma coisa em um para além dos limites torna-se o próprio bem, que diferencia radicalmente do bem para todos. Pelo próprio desejo, se viola os limites. E a beleza se encontra justamente neste ponto, mas, para todo efeito, é um cegamente essencial, um engodo, pois leva a relação com sua própria morte, sempre do registro de uma pulsão destrutiva. O belo, portanto, indica a relação do humano com sua própria finitude.

Fica evidente, na explanação lacaniana, que o belo, definitivamente, não tem relação alguma com o chamado belo ideal, culturalmente falando. Somente ao captar o belo no instante

preciso de transição entre a vida e a morte podemos buscar restituir o belo ideal, ou seja, a função que, em determinado momento, assume aquilo que percebemos como a forma ideal do belo, destacando-se, em primeiro plano, a emblemática forma humana (Lacan, 1959/1960/2008). Vejamos mais claramente:

Da mesma forma a questão do belo, na medida em que faz o ideal entrar em função, não pode encontrar-se nesse nível se não em função de uma passagem para o limite. Ainda no tempo de Kant, o que nos é apresentado como o limite das possibilidades do belo, como o *ideale Erscheinen*⁹, é a forma do corpo humano. Ela foi, porque não é mais, forma divina. Ela é o envoltório de todas as fantasias possíveis do desejo humano. As flores do desejo estão contidas nesse vaso do qual tentamos fixar as paredes. É o que leva a estabelecer a forma do corpo, e muito precisamente a imagem, tal como já articulei aqui na função do narcisismo, como o que representa, numa certa relação, a relação do homem com sua segunda morte, o significante de seu desejo, seu desejo visível (Lacan, 1959/1960/2008, p. 349).

Assim, podemos compreender que a ética do desejo não equivale ao bem comum e ao ideal do belo compartilhado culturalmente. Lacan (1959/1960/2008) ainda levanta um questionamento acerca da fantasia do falo e a beleza da imagem, se existe uma diferença irreduzível entre eles ou se há um lugar legítimo de ambos. Lacan argumenta que essa problemática aparece nas aspirações dos que estão em análise e nos mostra que o sujeito terá que dar conta de sua nostalgia de que nunca será o falo e, ainda mais, que o sujeito pode extrair, em algum momento, que ele não é em lugar nenhum, que está vivo e morto da Coisa, ao mesmo tempo.

Ora, não se trata, diz Lacan (1959/1960/2008), que o serviço dos bens resolva algo para o sujeito, pois o problema reside na relação que cada indivíduo estabelece, no breve intervalo

⁹Do alemão: aparência ideal.

entre seu nascimento e sua morte, com o próprio desejo – não se trata da busca pela felicidade das futuras gerações. A função do desejo deve manter uma conexão essencial com a morte, inserida na experiência trágica da existência. Para isso, Lacan nos lembra de que o caráter fundamental de toda ação trágica está no suporte do significante. “É na medida em que o sujeito se situa e se constitui em relação ao significante, que nele se produz essa ruptura, essa divisão, essa ambivalência em cujo nível se situa a tensão do desejo” (Lacan, 1959/1960/2008, p. 371).

A busca primordial de encontrar o objeto perdido e enfim sentir-se completo é reescrita como uma possibilidade real diante da promessa da existência de objetos que trarão a satisfação e conformidade plena com seu corpo e seu ser. Voltando à pergunta que fizemos no início da discussão, da possibilidade de entendermos a imagem enquanto um objeto de consumo, e, por isso, ligada essencialmente com os imperativos culturais, podemos responder usando uma passagem de Barus-Michel (2013), que diz que ao invés de perguntar as origens do desejo, como sugere a psicanálise, a sociedade hipermoderna passou a antecipar o desejo, fabricando rapidamente uma grande variedade de objetos e inundando as pessoas com imagens que os fazem parecer verdadeiros objetos de desejo genuíno. Assim, ao desejo, resta apenas se endividar para consumir.

Freud também lança luz sobre esse aspecto, voltando para o conceito de felicidade, que por mais que o princípio de prazer não realize a felicidade plena, os esforços para tal feito permanecem. Justamente pelo campo social estar entre as fontes de onde surge o sofrimento humano, não conseguimos admitir e entender o motivo de dispositivos criados por nós não serem um meio de proteção e benefícios para todos. Não existe um caminho e um conselho que sirva para todos, cada um precisa encontrar a maneira particular de tornar-se feliz (Freud 1930/2020).

Pois pode ser exatamente esse caminho individual que esbarra na homogeneização que os filtros proporcionam, combinados com a imagem da felicidade compartilhada para milhões

de pessoas. A cultura produz algo para apaziguar o mal-estar que vem dela própria, fazendo um movimento circular que não cessa. Segundo Badin e Martinho (2018), o sistema capitalista dispõe objetos cada vez mais avançados, contudo, com pouca duração, com a finalidade de movimentar o sistema, enquanto que o sujeito fica no ideal de consumi-los para alcançar a completude, conseqüentemente, encontraria a satisfação e a defesa do mal-estar.

Nomeado por Lacan, esses objetos de consumo são os gadgets, oferecidos pela ciência e reduzidos ao que ela oferece, isto é, aos artefatos de consumo. Mesmo parecendo pouco provável, Lacan cita a possibilidade de um dia sermos verdadeiramente animados pelos gadgets, finalizando que não conseguiremos fazer com que esses objetos deixem de ser um sintoma, pois, por enquanto, obviamente já é (Lacan, 1974/1980). Assim como o sintoma que se repete no conflito neurótico, repetimos a foto, repetimos até uma selfie ficar boa, mas não basta estar boa, tem que estar ideal, dessa maneira, aplicamos o filtro para corresponder aos imperativos contemporâneos, gerando engajamento e curtidas, refletidos pelo grande olhar das mídias sociais.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Caracterização das Participantes

A partir deste momento, iremos discutir os achados desta pesquisa. As mulheres entrevistadas serão apresentadas por um nome fictício, que tem a função de manter o sigilo ético referente às suas identidades. A escolha dos nomes, apresentados na Tabela 1, foi feita com referência aos nomes das personagens das obras cinematográficas e literárias que discutimos no Capítulo 4.

NOME	IDADE	PROFISSÃO	RAÇA/COR	ESTADO CIVIL	REDES SOCIAIS
Elisabeth	25 anos	Psicóloga	Negra	Casada	Facebook/ Instagram/ TikTok
Victoria	41 anos	Auxiliar de Modelista	Branca	Casada	Instagram/ TikTok
Bella	34 anos	Advogada	Branca	Solteira	Facebook/ Instagram
Sue	38 anos	Personal Trainer	Parda	Divorciada	Facebook/ Instagram/ TikTok
Alice	28 anos	Estudante de psicologia	Branca	Solteira	Instagram/ TikTok

Tabela 1: Caracterização das participantes

Podemos notar, a partir do quadro acima, uma pequena heterogeneidade entre as participantes. A idade variou entre vinte e quarenta e um anos; no que se refere à profissão, três atuam na área de formação, uma é auxiliar de modelista e uma é estudante de psicologia; em relação à raça/cor, as participantes se autodeclararam como: negra, branca e parda; no estado civil: solteira, casada e divorciada e, por último, tivemos todas usando o Instagram e a maioria usando a rede social TikTok. Essas foram as participantes que, por razões próprias, se disponibilizaram a participar quando viram o convite.

4.2 Espelho, espelho meu: análise das entrevistas

A análise das entrevistas constitui uma etapa fundamental da pesquisa, pois é neste momento que se dará a apresentação dos relatos das entrevistas, possibilitando a construção de relações entre suas falas com a teoria e um aprofundamento na temática. Ressaltamos que a elaboração dos dados extraídos das entrevistas, a partir do método psicanalítico, advém de uma escuta flutuante possível diante de um encontro realizado com cada uma e contando com a relação transferencial estabelecida das participantes e da pesquisadora com o tema.

Os relatos foram lidos, relidos e transcritos pela pesquisadora, para então iniciar a organização dos achados e a interpretação fundamentados nos referenciais teóricos da psicanálise. Dessa forma, busca-se construir uma compreensão ética e singular, direcionada na produção de um saber sempre em desenvolvimento e, portanto, inacabado, respeitando a complexidade e a subjetividade inerentes ao material coletado. Para garantir rigor e coerência na análise, serão utilizados recortes na íntegra apresentados entre aspas, quando estiverem dentro do texto, ou recuados, quando postos em trechos.

Como uma forma de apresentar os achados, foram selecionados grandes temas que apareceram nas entrevistas, elencados na sequência: elas querem tapar, querem colocar uma cortina no que elas são; a imagem é tudo, é a imagem que atrai ou afasta as pessoas; tem coisa que a gente vai levar pro resto da vida, não tem como; eu não sabia quem eu sou, o que eu gostava, eu era um camaleão, eu me ajustava; no tribunal da internet; e eu olho para o espelho hoje, eu tenho escolha.

4.2.1 Elas querem tapar, querem colocar uma cortina no que elas são

Iniciamos a análise das entrevistas pelo assunto disparador desta pesquisa: o *filtro*. Buscamos compreender o posicionamento das entrevistadas em relação a esse dispositivo que

altera a imagem. No primeiro momento, os relatos expressam certa preocupação e incômodo, mas sempre mediados por uma percepção distanciada da própria experiência — um estranhamento que surge a partir do uso que os outros fazem dos filtros. De maneira mais reservada, algumas entrevistadas também teceram observações sobre seu próprio uso, como podemos verificar a seguir:

Acho bem preocupante. Porque tem filtros que você realmente olha, **parece que está muito natural**. Se você olhar um pouco, dá para perceber que é um filtro, mas a maioria das pessoas só vão olhar a foto e passar (Elisabeth).

Assim, a gente hoje consegue ver porque daí aparece salvo, né? O nome do filtro, mas se você não olhar essa parte de estar escrito, tem alguns que você nem percebe, mas é mais difícil, porque a primeira coisa que você olha é se tem filtro ou não. **Tipo, é automático** (Victoria).

A partir dos relatos, é possível perceber como o uso de filtros parece estar normalizado, sem que haja um questionamento significativo sobre sua utilização ou sobre os motivos de sua existência. Da mesma forma, observa-se a naturalização de rostos filtrados, ao ponto de a modificação promovida pelos filtros nem sempre ser percebida. Há, portanto, uma dificuldade em distinguir claramente entre uma imagem com ou sem filtro. Além disso, a recorrência desse uso se reflete na maneira automática como os indivíduos passam a identificar e reconhecer os filtros utilizados por outras pessoas. Contudo, em outro momento, ao questionarmos as participantes sobre o uso de ferramentas de modificação, encontramos respostas aparentemente contraditórias:

Não [se referindo a não usar filtro], **só aquele do Paris**¹⁰, às vezes. Eu filmo 6 horas da manhã, aí eu tô toda inchada, eu coloco só o Paris, **mas usar aquele filtro que modifica não**, às vezes nem o Paris eu uso (Sue).

¹⁰Nome do filtro disponibilizado pela própria plataforma.

Ah, às vezes, eu uso filtro, quando eu apareço, mas depende muito, só se eu vejo que o ambiente está muito escuro, para corrigir a iluminação, então, às vezes, eu uso aqueles filtros meio prontos do insta, que **você só passa o dedo, o Paris, Toronto, só pra dar uma corrigida na iluminação** (Elisabeth).

Inicialmente, a maioria tende a negar o uso dessas ferramentas, contudo, ao longo da conversa, observa-se que, ainda que de forma ocasional, essas são, de fato, utilizadas. Além disso, é possível identificar uma distinção entre diferentes categorias de filtros. Os filtros nativos do Instagram parecem ser percebidos como uma funcionalidade integrada à plataforma, não sendo necessariamente reconhecidos como filtros pelas participantes. Em contrapartida, os filtros criados por usuários da rede social são mais frequentemente associados à modificação perceptível da imagem.

Como discute Sibilía (2016), neste tempo em que vivemos, marcado tanto por incertezas quanto pela valorização dos simulacros e da espetacularização, conceitos anteriormente considerados sólidos, como realidade e verdade, passaram por profundas transformações. Em um cenário saturado por imagens que moldam um imaginário amplamente mediado pela tecnologia e pela comunicação, o que se entende por real já não se apresenta de forma óbvia. Sua consistência é constantemente questionada, tornando-se um campo de disputa e reinterpretação contínua.

Em determinadas situações, a modificação promovida pelo filtro não é reconhecida como tal, o que sugere uma dissolução da distinção entre o natural e o artificial. Assim, a diferenciação entre esses dois pólos torna-se pouco perceptível, reduzindo sua relevância e potencialmente gerando a ilusão de uma correspondência entre a imagem postada e a autoimagem psíquica do indivíduo, como vemos a seguir:

Muito difícil [referindo-se ao uso de filtros], quando eu utilizo para postar foto, é **uma coisa mais suave**, às vezes, quando eu tô sem batom e coloca uma cor na boca, coisa assim, simples. **É mais essa questão do natural** (Victoria).

O trecho retrata um fenômeno que acontece atualmente nas redes sociais, mais especificamente no TikTok, chamado *clean girl*, em tradução livre, garota limpa, trata-se de uma tendência de peles limpas, sem cicatrizes ou espinhas. Segundo um trabalho realizado por Hallin, Olsson & Ski (2023), esse conceito refere-se a um estilo de vida baseado na busca por uma aparência naturalmente bonita, uma alimentação saudável e um vestuário minimalista. Na pesquisa, as autoras analisaram como as usuárias do TikTok percebem a construção de ideais femininos na plataforma, com ênfase no fenômeno midiático *clean girl*.

As tendências no TikTok se espalham rapidamente em escala global, permitindo que influenciem a construção de ideais femininos internacionalmente. Com base nos resultados obtidos, concluíram que o TikTok desempenha um papel significativo na formação da identidade. Novos ideais, como o *clean girl*, fazem com que as usuárias aspirem a reproduzi-los. Em diversos momentos, as entrevistadas destacaram que tinham dificuldade em discernir o que era real ou não, e que, como usuárias, eram frequentemente apresentadas a uma visão distorcida e idealizada da realidade. Assim, o fenômeno em questão é percebido como um ideal inatingível, pois reforça padrões de beleza irreais e contribui para a criação de uma imagem distorcida da realidade (Hallin, Olsson & Ski, 2023).

O conceito de natural que aparece na fala de Victoria já se apresenta, paradoxalmente, filtrado. Afinal, não seria o natural o oposto da modificação, do artificial? A pele sem intervenções possui poros, espinhas e linhas de expressão; uma fotografia sem manipulação de luz exhibe sombras e texturas. No entanto, o que se entende como natural está intrinsecamente associado a uma versão idealizada da aparência: uma pele impecável, um rosto bem maquiado, uma imagem que transmite frescor e perfeição, mesmo ao amanhecer.

Podemos observar que o fenômeno *clean girl* atua e influencia as usuárias no seu modo de enxergar e discernir a realidade, bem como observamos que o filtro nativo que as entrevistadas usam não são considerados por elas como uma categoria de filtro, pois não realiza mudanças exageradas ao visual, entrando na mesma lógica de uma pele limpa, sem marcas, típicas de *clean girl*. Entendemos, portanto, que pode haver uma inversão de valores, em que o natural é reformulado e deslocado, de modo que aquilo que se apresenta como digno de exibição é, na verdade, um “filtro natural”.

É possível entender que os filtros influenciam na autoestima das usuárias, pois, ao se deparar com a própria imagem refletida no espelho, nem sempre o indivíduo identifica-se com aquilo que vê, o que pode gerar desconforto e estranhamento, porque difere das imagens postadas de si. Em outros momentos, discutindo ainda sobre o uso de filtros, podemos identificar um posicionamento que vai em direção a essa questão:

Falta de autoestima, a pessoa se acha bonita, você acha que ela vai usar filtro? Ou ela tá contente consigo mesmo, com a vida dela, você acha que ela vai usar um filtro? Que nem, por exemplo, eu comprei um carro, eu vou filmar meu carro, alguém coloca filtro para filmar o carro? E por que tem que colocar filtro para filmar seu rosto, **o quê que quer modificar? Você mesmo** (Sue).

Na minha opinião, **realmente falta aceitação mesmo**. Não acho que é só por divertimento igual as pessoas falam, sabe? (Alice).

Se você se olha no espelho e não aceita algumas coisas, você vai usar um filtro porque vai ficar mais aceitável. É porque os filtros, tem alguns que você fica irreconhecível, não é você e na minha percepção, eles são uma forma da gente não ter que lidar com aquilo que a gente não gosta na gente. **A gente não lida, a gente não aceita, e aí bota o filtro** (Bella).

Elas [pessoas] querem tapar, querem colocar uma cortina no que elas são (Sue).

Esses trechos foram selecionados, pois, em nossa análise, ao dizer sobre o filtro, as mulheres revelam a divisão subjetiva do sujeito, como exemplificam os destaques em negrito feitos no texto. Partindo da descoberta freudiana do inconsciente, Lacan (1964/2008) formula que o sujeito aparece nas falhas do discurso, nos embaraços da fala. O sujeito sobre o qual a psicanálise opera é o sujeito dividido, apreendido na estrutura da linguagem, articulado à cadeia significante. Isso que habita o indivíduo fala além do querer ser dito, e, por falar, revela mais do que gostaria.

Por meio dessa divisão entre o eu e o sujeito, recorremos a Freud (1919/2010), sobre o inquietante e seu efeito do duplo. Algo que estava reprimido e que deveria permanecer oculto apareceu evidenciando um equívoco quanto ao próprio eu, fazendo com que o sujeito experimente o efeito inquietante que se encontra muito apagado, no limite entre a fantasia e a realidade. Então, os trechos destacados ajudam a pensar que o uso de filtro pode ser uma forma que o sujeito tem de lidar com o infamiliar de si mesmo, que necessita ser tapado, escondido, modificado e posto por detrás das cortinas. Abaixo, uma perspectiva do quanto pode ser difícil ter que lidar com o que se é:

Sabe, tem dia que eu falo: **hoje eu só tô conseguindo ser essa mesmo**, tipo hoje (risos).

Lavei meu cabelo, estava chovendo, eu falei: hoje eu vou com o cabelo molhado e ele vai ficar cheio de frizz, não tem o que fazer gente, **não vou ficar aqui me matando, porque não vai adiantar né?** (Bella).

Bella parece entender que existe uma limitação na sua experiência de sujeito faltoso, que por mais que tente, seu cabelo vai ter frizz no dia chuvoso. Através da fala, ela traz para a cena simbolicamente uma falta, ao relatar que “não vou ficar aqui me matando, porque não vai adiantar”, dá a entender, que, em outro momento, ela teria passado por algumas tentativas de manter o cabelo alinhado em dias chuvosos, como um esforço do sujeito em lidar com o desencontro com ele mesmo. O que se perde, pode ser a imagem idealizada. Contudo, em um

mundo de facilidades, essa realidade pode ser transformada, pelo menos em partes, por meio de uma captura de selfie com o uso de filtro, assim o cabelo se alinharia com facilidade.

Conforme destaca Castanet (2010), o objeto lacaniano causa do desejo, o *objeto a*, representa aquilo que foi perdido em diferentes níveis da experiência corporal, marcados por cortes simbólicos. Essa perda pode ser compreendida como um fragmento do próprio corpo, algo que se desprende e passa a ocupar um lugar central no funcionamento do desejo.

Nesse processo, o sujeito, já dividido pelo significante, desaparece na demanda devido à operação de alienação e o Outro, por sua vez, não pode responder diretamente à falta ou ao significante da falta, exceto por meio do significante da demanda (Castanet, 2010). Então, em meio à própria alienação de sua condição de sujeito desejante e dividido, o que resta a ser buscado são complementos pela via da demanda. Uma busca que pode ser preocupante, ainda mais quando existe a oferta para a solução:

Eu acho que bem utilizada [ferramenta do filtro] faz muito bem para as pessoas, eu brinco que é igual cirurgia plástica e procedimentos estéticos. **Às vezes, você tem coisas que realmente incomodam e que podem te ajudar a se sentir melhor**, só tomar cuidado para não virar um ken humano, virar hábito, tudo tem um certo limite e eu acho que até essas ferramentas do insta e de edição, às vezes, elas são mais perigosas que cirurgias, porque é o tempo todo a pessoa alimentando aquela fantasia sobre ela e distorcendo a imagem que ela tem (Elisabeth).

Por um lado, temos o sujeito que revela e vela sua falta estrutural e do outro lado, o mercado com suas inúmeras promessas de completude, disponíveis para serem consumidas. Ainda que haja preocupação em manter-se dentro de um certo limite, os objetos de consumo surgem como uma ferramenta que ajuda a resolver o conflito da própria imagem. Aplica-se um filtro, faz-se um procedimento estético, uma cirurgia para tentar sanar o que é da constituição do desejo.

4.2.2 A imagem é tudo, é a imagem que atrai ou afasta as pessoas

Sue, personal trainer que trabalha diretamente com questões relacionadas à imagem corporal, relatou que muitos de seus clientes a procuram com o desejo de alcançar um corpo semelhante ao de influenciadores que acompanham nas redes sociais. Ela observa, contudo, uma dificuldade recorrente entre essas pessoas em distinguir imagens modificadas de representações reais. Ao mesmo tempo, reconhece a relevância da imagem, especialmente em determinadas profissões - como a sua - e em alguns ambientes profissionais. Ao compartilhar sua experiência de trabalho em uma das academias mais exclusivas da cidade, Sue expõe sua percepção: “a imagem é tudo, é a imagem que atrai ou afasta as pessoas”. Nesse mesmo contexto, Victoria compartilha uma perspectiva semelhante ao abordarmos a questão da imagem: “hoje em dia se valoriza mais a imagem por causa da rede social”.

Não se pode negar a importância da imagem na sociedade atual. Os trechos reforçam a concepção de Birman (2013), de que o registro da imagem na atualidade se sobrepõe ao discurso, a aparência assume um papel central nas relações sociais e adquire equivalência de valor mercadológico, afastando o sujeito de sua própria existência e transformando a representação em uma nova forma de realidade ficcional, isto é, uma realidade construída por meio de ficções ditadas pelo mercado. Diferente do discurso anterior das participantes, neste momento, existe uma discrepância evidente entre o natural e o artificial:

É aquele que deixa a pele que nem pêssego, lisinha sem mancha, **fica até meio robotizado** (risos). (...) Tem gente que não tem noção **do que é realidade, do que é irreal** (Sue).

Eu conheço uma pessoa que **parece um boneco de cera de tanto filtro que usa**, se encontra pessoalmente fica até assustado (Elisabeth).

Tem muita gente ali com, a gente chama de **mexida**. Tem um casal, nossa, eles parecem a Barbie e o Ken (risos). É lipo HD, é lipo no braço, é botox, é PDO, é boca, é cílio,

clareamento, é tudo (...) **fica muito embonecado, muito esticado, sem contorno, muito liso** (Sue).

Como percebido por Sue e Elisabeth, a imagem nas redes sociais pode perder suas características humanas, respondendo aos ditames culturais, aos procedimentos estéticos que transformam a aparência radicalmente. As cirurgias, assim como os filtros, não mudam somente o que incomoda a pessoa, mas a coloca em uma padronização visual, tornando o espaço virtual cheio de rostos, se não iguais, muito parecidos. Não à toa, em diversos momentos das entrevistas, surgiram falas que denotam características de embonecamento, cera, avatar, adjetivos que revelam o quão a imagem das redes sociais está, cada dia mais, distanciando-se da aparência humana.

Essa reflexão lembra-nos uma fala de Lacan (1946/1998), na qual coloca que “o primeiro efeito que aparece da imago no ser humano é um efeito de alienação do sujeito. É no outro que o sujeito se identifica e até se experimenta a princípio” (p. 182). Com base na análise das falas das participantes, observa-se que essa experimentação pode acontecer constantemente, de acordo com as mudanças na moda, nas estações e nos padrões sociais. O próprio termo “mexida” reflete essa dinâmica, sugerindo um posicionamento que se adapta constantemente às influências externas. Além disso, Elisabeth e Alice expressam uma preocupação específica em relação à performance, evidenciando a facilidade de adequação a determinados padrões:

Você posta um stories bonitinho, **ele é um recorte de um momento** e, às vezes, é com uma intenção muito bem direcionada, aquilo não é a sua vida real. Acho que quando você começa a se ver muito através do Instagram, **você cria uma persona, tipo um Avatar, um personagem de você.** É complicado, porque você começa a se enxergar a partir daquilo, e a vida real não é assim (Elisabeth).

Você se olha na rede social de uma forma, mas quando você se olha no espelho, você está vendo algo totalmente diferente porque tem aquela distorção do filtro né, eu

acho que isso também acarretou o aumento de cirurgias estéticas, essa parte da estética, do capitalismo. Eu acho que isso psicologicamente afeta até o que a pessoa acha dela mesma (Alice).

Como aponta Quinet (2012), a natureza do mundo visual é narcísica, funcionando como um espetáculo no qual o sujeito se vê refletido. O eu percebe o mundo como um espelho que reafirma sua própria perspectiva e visão de realidade, projetando-se sobre aquilo que o cerca e vê o outro como um reflexo de si mesmo, evidenciando a ilusão inerente à constituição do eu. Nesse processo, o eu se estabelece como uma instância de engano, ocupando o lugar do sujeito. Entendemos que algumas preocupações e insatisfações individuais se dão a partir dessa configuração do humano com as tecnologias, que servem de espelho e inspiração:

Olha, 99.9% das pessoas que conheço no meu conviver estão insatisfeitas completamente com a imagem corporal (...) **Ninguém é satisfeita** (Sue).

Existia antes um problema sim, **na minha imagem, que eu não me via, não estava satisfeita** com a minha imagem, hoje tem, claro, tem questões que eu não estou satisfeita ainda, mas ela tem um peso menor (Bella).

Nos trechos, vemos elementos significativos do sujeito com sua imagem e as inconsistências próprias dessa relação, principalmente nos trechos destacados. Sue se inclui na insatisfação generalizada, sem ao menos dar-se conta, pois se no início da frase ela fala das pessoas, ao final, ela inclui-se na afirmativa de que ninguém é satisfeita, quase uma constatação. Seguindo o caminho da insatisfação, podemos fazer uma relação com o que Lacan (1964/2008) aborda da pulsão, já que ela também nunca é satisfeita em sua totalidade, sendo sempre satisfeita parcialmente: ". . . é que ela é pulsão parcial, e que seu alvo não é outra coisa senão esse retorno em circuito" (p, 170). Vemos então uma verdade advinda dessa insatisfação, contudo, nos tempos atuais, parece que a insatisfação só existe enquanto conotação pejorativa, algo que precisa ser resolvido.

Já a Bella, consegue dizer de um lugar mais próximo de sua própria relação com a insatisfação, ela expõe o olhar neste vínculo entre conseguir se ver e encontrar ali alguma satisfação. Neste caso, também nos servimos da pulsão, mais especificamente, a escópica.

A medida em que o olhar, enquanto *objeto a*, pode vir a simbolizar a falta central expressa no fenômeno da castração, e que ele é *objeto a* reduzido, por sua natureza, a uma função punctiforme, evanescente – ele deixa o sujeito na ignorância do que há para além da aparência. . . (Lacan, 1964/2008, p. 80).

O olhar aparece como uma presença inesperada, representando simbolicamente aquilo que é encontrado no horizonte e que marca o limite de nossa experiência. Lacan revela a falta fundamental associada à angústia da castração. A distinção entre o olho e o olhar evidencia a divisão em que a pulsão se manifesta no campo da visão (Lacan, 1964/2008). Assim, entendemos como pode ser confuso e até difícil a experiência de se ver, pois revela a própria divisão subjetiva, enxergar além da aparência é poder lidar com a castração, com as próprias insatisfações enquanto ser falante e faltante.

4.2.3 Tem coisa que a gente vai levar pro resto da vida, não tem como

Ao longo da entrevista, Bella revela que faz acompanhamento psicológico há 6 anos e que sua relação com a imagem, em diversos momentos, foi alvo de discussões, passando por momentos de aceitação no qual o corpo e a performance nas redes sociais são elementos centrais:

Eu já tive mais aversão a essa questão de imagem, hoje, o meu trabalho exige que eu grave vídeos para postar no Marketing do escritório e isso a um tempo atrás, eu não fazia, porque eu tinha aversão de ver a minha própria performance. Hoje não, **hoje eu consegui aceitar algumas coisas**. Eu já fui mais gordinha, aí eu passei por um período de emagrecimento, fiquei surtada porque eu não podia engordar de jeito nenhum, então

fui passando por algumas aceitações que foram ocorrendo. Hoje não tô extremamente magra, não me preocupo extremamente, **isso me deixava doente, né, fazer uma dieta rígida, não faltar na academia.** Hoje eu já sou mais flexível em relação a isso, **eu comecei a me aceitar e comecei a entender que ninguém é perfeito e nem todos os dias eu vou estar bem** (Bella).

Vemos, no trecho acima, o caminho percorrido por Bella, que passa pela aversão, pela rigidez até chegar à flexibilização. Se em outro momento ela não se via na própria imagem, neste daqui, ela consegue chegar a uma aceitação. Como discute Lacan (1964/2008), existe um engano entre o olhar e o que se deseja enxergar:

No nível escópico, não estamos mais no nível do pedido, mas do desejo, do desejo do Outro. . . De maneira geral, a relação do olhar com o que queremos ver é uma relação de logro. O sujeito se apresenta como o que ele não é e o que se dá para ver não é o que ele quer ver. É por isso que o olho pode funcionar como *objeto a*, quer dizer, no nível da falta (- ϕ) (Lacan, 1964/2008, p. 102 confirmar pg no livro impresso).

Ou seja, o olhar não é simplesmente uma característica do órgão ocular, que mostra a realidade concreta das coisas, mas agrega um conjunto de efeitos psíquicos, influências do Outro e a relação com o desejo. Desejo é desejo do Outro e o sujeito busca incorporar o que imagina ser esse desejo, mesmo sem, de fato, saber, usando de guia sua imagem ao tentar se enquadrar:

É uma coisa que vem de casa, né? **Às vezes, ouvia alguma coisa e, às vezes, nem eram questões assim de imagem física, né? Às vezes, eram coisas de cunho emocional.** (...) Meu pai principalmente, ele tem muito, muito problema com diferença, ser diferente, porque eu sou uma pessoa que usa sempre roupas de cores neutras, acho que é por conta da profissão e, às vezes, eu coloco um vestido colorido, aí ele faz um comentário, **então isso me afetava sabe, me vestir diferente ou usar uma coisa que era diferente para**

ele. Então eu não usava, ou eu não fazia e, às vezes, **me olhava no espelho e falava: não, isso é incoerente, inadequado.** Hoje não, **hoje eu já consegui superar algumas coisas. Acho que não todas** (risos) e tem coisa que a gente vai levar pro resto da vida, não tem como (risos) (Bella).

Podemos perceber aqui a relação que Bella faz ao se olhar no espelho e notar-se incoerente, através do olhar de seu pai. Ao analisar o trecho, levamos em considerações reflexões sobre o que Lacan (1949/1998) trabalha no estágio do espelho, é a partir da identificação com um semelhante que a imagem corporal totalitária poderá ganhar consistência e também como um lugar que se inaugura o eu, que não existe desde o nascimento, mas se forma a partir da relação imaginária com o outro. Esse processo ocorre sob a influência do Outro, sendo um momento essencial na constituição da identidade.

No estágio especular, a criança reconhece sua própria imagem tendo o outro como testemunha e referência fundamental. Esse reconhecimento não é apenas visual, mas também simbólico, pois o sujeito busca no outro a confirmação de sua existência. Dessa forma, a imagem do corpo está diretamente ligada à posição do sujeito no campo simbólico, uma vez que o imaginário depende do simbólico, assim, a imagem real dá forma ao corpo e possibilita a construção da identidade (Lacan, 1949/1998).

Vemos então Bella passar pelo problema de *ser diferente*, um significante que parece ter relação com seu pai e com os comentários que lhe afetavam. Ele podendo ocupar o lugar do Outro na relação do estágio do espelho e Bella formando sua identidade a partir da cadeia simbólica. É possível pensar que a palavra *diferente* pode estar ligada à sua concepção de corpo, por isso, vestir-se *diferente* aparece como uma inadequação a partir do seu reflexo no espelho. Outra participante também ultrapassou a imagem física ao falar do espelho:

Eu vejo além da estética, eu vejo uma pessoa que trabalhou muito para estar onde tá (...) eu casei com 19 anos (...) eu fui muito manipulada, que nem uma marionete

(...) Abriu uma clínica de fisioterapia e tinha terapias lá, integrativas, não sei se você acredita, meio essas coisas e a dona ela conversava muito comigo e nesse conversar depois de dois meses, sabe quando vira a chave? **Virou a chave e eu pensei assim, eu comecei a me colocar fora do, do meu eu**, eu comecei ver o meu relacionamento, a minha família sem ser a Sue, tem uma Sue aqui que tá vendo de fora. **Menina eu fiquei chocada, foi aí que eu acordei pra vida** (Sue).

É interessante ver a passagem de Sue de sentir-se uma marionete para no momento seguinte: acordar para a vida. Acreditamos ser necessário acrescentar o fato de que Sue frequentou campeonatos de fisiculturismo e outras modalidades de esporte, afirmando que por muito tempo era o seu maior interesse, “porque era o que estava sob o meu domínio, então eu fui tão manipulada que o meu foco era o esporte” (Sue). Esse ponto faz-nos lembrar da rebeldia das históricas de que o inconsciente não é sem o corpo. O corpo entra como uma ferramenta de acesso à possibilidade de voltar à vida, a oportunidade de livrar-se das amarras de sua marionete.

O orgulho do meu pai era me ver casada, eu falei e agora, meu pai não vai nem querer olhar pra minha cara. Que nada! Quando eu separei, ele falou assim: Filha, o pai vai te apoiar você sendo separada ou casada. Aí, depois de separar eu vim para cá e foi a melhor coisa da minha vida. **Aí eu descobri quem eu sou, as coisas que eu gosto**, aí, esses dias, me deu vontade de ir no cinema sozinha, eu descobri que eu odeio cinema, só ia no cinema porque era onde a minha família ia, a gente saía de casa. **Descobri meu estilo**, descobri de como eu gosto do meu cabelo, das minhas maquiagens, o que que eu gosto de fazer no meu dia a dia. Eu sem ninguém ficar na minha cabeça, mas uma paz (Sue).

Essa perspectiva de enfrentar o ideal de filha, de família que até então se apoiava, se alinha com a dimensão trágica do bem e do belo proposto por Lacan (1959/1960/2008), que

trata da ética do sujeito enquanto ética do desejo. O belo não é condizente com a imagem e o bom não é referente ao que se espera socialmente, mas refere-se à transcendência da imagem que o sujeito se identifica, na qual está seu júbilo, reconhecido pelo Outro.

Eu vejo tudo isso, sou eu, entendeu? Tanto de mulher que não tem a coragem que eu tive, de largar quase 20 anos de casamento, marido, meu filho ficou com o meu ex-marido, eu tive que sair de casa só com documento e roupa, porque ele ia me infernizar, um celular, ele queria que eu vendesse para dividir o dinheiro. **Então eu deixei casa, carro, tudo para ele, porque eu sou trabalhadora, eu vou conquistar, porque eu sei que eu posso**. E assim tô aqui hoje, conversando com você (Sue).

Neste depoimento, interpretamos que Sue pode ter se deparado com a dimensão de seu desejo, pois mesmo com um possível desapontamento de seu pai ter uma filha divorciada e indo na contramão do que se espera socialmente de uma mulher casada e com filho, ela seguiu adiante. A partir do encontro com o que estava sob seu domínio, seu corpo, ela cai em si, como uma queda de um eu superegóico, para a ascensão de um sujeito de desejo.

4.2.4 Eu não sabia quem eu sou, o que gostava, eu era um camaleão, eu me ajustava

Diferente de uma posição decidida frente ao desejo, na qual foi possível inferir anteriormente, aqui, na fala de Alice, podemos ver um deslocamento na problemática do sujeito, que enfrenta dificuldades em definir sua posição no mundo, sem referências, tornando sua aceitação difícil.

Desde muito nova sem terapia alguma **eu descontava tudo na estética**, por exemplo, eu tinha um namoradinho e não dava certo, aí: ah, porque meu cabelo não tá liso o suficiente, porque minha maquiagem não tá o suficiente, então, eu tinha muitas inseguranças, né? **Eu não sabia quem eu sou, o que gostava, eu era um camaleão, eu me ajustava** (Alice).

Essa passagem se assemelha ao recorte feito anteriormente, no Capítulo 4: o estranho sou, quando vimos algumas personagens na busca de definições, de encontrar uma identidade que condiz com a percepção de si. Nossa participante Alice, neste momento, parece se assemelhar à Alice do país das maravilhas, que também se ajusta em determinados momentos da história, seja para caber em uma porta miúda, seja para alcançar uma chave.

Por mais que as referências nos lembrem que essa problemática não é atual, no contexto contemporâneo, a ciência possibilita intervenções no próprio corpo, levando o sujeito a perceber-se constantemente autorizado a realizar escolhas onde, anteriormente, os limites corporais e os contornos simbólicos se impunham de forma inquestionável. Podemos ver, de um outro ângulo, outra tentativa de adequação:

Em vez de uma penteadeira, hoje em dia eu tenho uma estante de livros, né? Então eu fui adaptando sabe, para você ver, a minha adaptação foi tão complexa que eu tive que começar a usar peruca no começo, porque eu cortei todo o meu cabelo e ele ficou muito curto (Alice).

Através desta passagem, notamos a troca de um móvel que podemos relacionar ao campo imaginário (penteadeira) por um móvel do campo simbólico (estante de livros), como uma saída possível de lidar com o mal-estar que, até então, era descontado na estética. Por meio dessa manobra, ela denuncia algo inédito: seu uso de perucas, como uma forma de buscar se sentir bem novamente, apostando todas suas fichas na imagem. Verificamos uma outra situação parecida:

(...) eu tinha um relacionamento com uma pessoa **que também me cobrava muito essa questão da estética**, então hoje em dia eu me separei (...) meu ex falou assim: ah, por que você não usa também suas roupas bonitas em casa? **Aí eu comecei a pensar, a refletir, tipo, por que não me sentir bem e bonita todos os dias?** (...) Sei lá, eu acho que **bonita para mim mesma, para eu me ver**. É porque eu não tenho mais espelho

em casa. (...) **Eu não tenho espelho de corpo inteiro, eu só tenho espelho do banheiro, porque o espelho de corpo inteiro também me fazia mal** (...) de ficar se olhando toda hora, eu acho que eu gostaria de usar mais a minha qualidade de tempo lendo um livro, por exemplo, do que ficar **toda hora no espelho me olhando** (Alice).

A partir dos relatos, notamos todas as estratégias de Alice, que passam pela troca da penteadeira pela estante de livros, o uso de perucas, o uso de roupas bonitas em casa e por fim, o espelho, tentando uma maneira de buscar um bem-estar ou dito de outra forma sentir-se feliz. Recordamos uma passagem de Freud (1930/2020), no texto O mal-estar na cultura, a qual diz que a felicidade em seu sentido mais preciso advém de uma necessidade reprimida que é finalmente satisfeita e que acontece em períodos, em episódios e não como um acontecimento contínuo. Mesmo que seja almejado pelo princípio do prazer, sua continuação somente aparece enquanto um frouxo bem-estar, pois pela própria natureza do estado de felicidade, as possibilidades de tal feito são limitadas pela constituição psíquica de todos nós. Mas esse mundo de ideais pode levar a um adoecimento, Alice nos conta um pouco:

Esse mundo da estética me deu Burnout sabe, inclusive me deu também fobia social. Aí, o ano passado eu comecei a tratar minha fobia social, fiz um ano de terapia em grupo por conta disso (Alice).

As mazelas sofridas pela participante parecem ter características sociais significativas, afinal, sua fobia é social. Tudo indica que sua relação com as influências externas são sintomas contemporâneos, propícios à cultura do exibicionismo e de redes sociais. Ela complementa dizendo da sua experiência e como se percebeu afetada pelas opiniões alheias e pelo meio social:

Eu acho que é um trabalho mesmo, que uma pessoa sozinha, mesmo com estudos, sem terapia, sem ter a questão do autoconhecimento é muito difícil ela superar sabe, eu venho firme com essa questão minha de aceitação, amor próprio, porque eu já faço terapia há

2 anos. **Então essa questão do autoconhecimento, ela é muito importante para você, não digo se blindar, né, porque é muito difícil, mas pelo menos ter uma porcentagem maior de autoaceitação e que aquilo não te afete de uma forma tão exorbitante que você vai mudar as suas características por conta de uma opinião** (Alice).

Diante do nosso percurso até o momento, compreendemos que a concepção de corpo inclui fundamentalmente a dimensão do campo cultural. Neste sentido, o corpo acaba sendo o veículo da constatação da falta e o mercado da estética acaba por ganhar seu espaço, vendendo seus produtos com a promessa de que a felicidade se encontra na sua próxima aquisição. É um pouco do que Alice nos mostrou em seu processo de livrar-se desse imperativo da modernidade, tentando atender padrões de beleza atuais.

4.2.5 No tribunal da internet

Outro elemento que chamou a atenção foi o corpo como instrumento de desejo e consumo. Como aponta Quinet (2002), o mundo no qual vivemos está com excesso de imagens e com imaginários inflados. O conceito lacaniano de imaginário vai além da mera imaginação ou da simples soma de imagens, trata-se de um registro vinculado à identificação especular, no qual as distinções entre o eu e o outro se dissolvem à medida que o sujeito se reconhece no outro, que opera como um reflexo.

As imagens nos são apresentadas como imperativos de ideais a serem alcançados, funcionando como modelos de identificação amplamente construídos pela publicidade. A força da imagem reside em sua capacidade de atrair, fascinar e capturar o olhar, levando o espectador a se identificar com aquilo que é apresentado (Quinet, 2002). Os trechos abaixo sinalizam um pouco esse contexto:

Eu me acho muito vaidosa (...) **não sei se eu tivesse mais dinheiro eu já estaria com um fio de PDO e Botox e tals, um monte de coisa na cara** (Sue).

Eu não tenho nenhuma cirurgia estética, mas, assim, por medo e condição financeira, **talvez se eu tivesse tido mais condições financeiras, eu já teria até me corrompido** (risos). Então eu acho que isso mexe muito, né, com o psicológico (Alice).

Eu acho que vai virando uma chavinha, vai mudando, uma hora você olha aquilo é exagerado e você não concorda, aí você vai vendo tanto, tanto, tanto que você começa a ver diferente, você fala: parece que é bonito, sabe? **Então primeiro é aceitável, aí depois que você aceita, você acha bonito, depois você quer. Vira um desejo, você vai querer** (Bella).

Notamos nos argumentos das participantes uma posição interessante, pois a decisão por alguma mudança corporal perpassa por condições financeiras, pelo convencimento que acaba acontecendo devido à quantidade de oferta e número de vezes que se olha um determinado procedimento, até tornar um desejo de ser adquirido. Dessa forma, a noção de *gadgets* retorna como um elemento importante para pensar a relação do sujeito imerso nas redes sociais. Embora Lacan (1974/1980) não tenha tratado diretamente desse contexto, é possível considerar os artefatos de consumo ocupando esse lugar na vida dos sujeitos.

Somando-se a isso, conforme Quinet (2002), a imagem enquanto espetáculo possui um aspecto sedutor, despertando no sujeito do desejo um anseio impulsionado por sua intensidade e brilho, os quais mascaram a falta que lhe é inerente. No entanto, esse mesmo espetáculo também se configura como um espaço de mal-estar na cultura, uma vez que atualiza a presença do supereu por meio de imagens marcadas pelo real impossível, gerando no sujeito um sentimento de culpa.

Mas é uma comparação, existe a comparação, né? (...) às vezes, **eu fico preocupada, se eu deveria estar preocupada com isso** (...) será que eu tô sendo muito desleixada? (Bella)

A maturidade que eu falo é **uma questão mais de autonomia, de poder ver as**

escolhas, me direcionar, sem ser tão direcionada (...) acredito muito que também eu vá me moldando nessa questão social, sabe? **Hoje em dia eu tenho mais esse poder de escolha, mas, ao mesmo tempo, eu sinto que eu não tenho esse poder de escolha, porque eu sinto que eu tenho esse poder de escolha, mas que eu sou a minoria e eu sinto que eu não tenho esse poder de escolha, porque quando você olha no outdoor tem um determinado tipo de padrão**, então aquilo é uma questão muito social pra mim hoje em dia (Alice).

Embora palavras e corpos sigam trajetórias distintas, há um elemento que os articula: o narcisismo imposto pela sociedade atualmente. Trata-se de um narcisismo multifacetado, estruturado pelo discurso científico dominante, que se apresenta como um saber em constante renovação e que exerce poder sobre o corpo. A ciência, ao reivindicar conhecimento sobre o que é mais adequado para o corpo, frequentemente causa embaraços (Castanet, 2010).

Estão surtando [as mulheres], fazendo botox, fazendo sobrancelha de não sei o quê, **eu também já fiz né?** (risos). De micropigmentação, botox, preenchimento, cirurgia plástica e é o que a gente sempre vê, por exemplo, **no tribunal da internet, tá sempre julgando as pessoas** que estão principalmente na mídia (Bella).

A mídia, por exemplo, veicula ideais associados ao poder, como beleza, riqueza e sensualidade, atraindo os indivíduos na busca por uma suposta completude. Aproveitando-se dessa ilusão, o capitalismo, aliado ao discurso científico, seduz os consumidores com objetos que são apresentados como suplementos de gozo, prometendo uma satisfação total e imediata, embora essa promessa seja, em última instância, inalcançável (Teixeira & Couto, 2010).

4.2.6. Eu olho para o espelho hoje, eu tenho escolha

Após analisarmos alguns fragmentos das entrevistas, foi possível entender como a imagem, para o sujeito, é sempre um outro, que causa estranhamento e não equivalência, não por ser falta de uma coisa ou de outra, mas pela própria constituição de seres faltantes. E como

item final de nossa análise, retomemos ao espelho, lembrando que nosso convite à pesquisa dizia dessa relação com ele: Espelho, espelho meu. O nosso interesse no espelho ultrapassa sua utilidade, sua condição de superfície capaz de refletir a luz das imagens e objetos, tornando-se um portal que poderá refletir seja lá o que for, o que já foi ou o que poderá advir. Assim, encontramos o seguinte:

Parece que **eu olho para o espelho hoje, eu tenho escolha**, de querer ou de não querer (...) pode ser por influência, mas é que antigamente eu não tinha escolha. **Eu tinha que ser aquilo que as pessoas queriam que eu fosse** (Bella).

Esse ano eu entrei muito na terapia de autoconhecimento, então eu não consigo viver a Alice do passado, talvez se fosse a Alice do passado, sem os conhecimentos que eu tenho hoje, ela olharia e pensaria: nossa o que eu tenho para mudar? Então **hoje, eu olho para o espelho, eu penso: tá tudo bem**, sabe (Alice).

Essa questão de eu não sou bonita o suficiente, já me aconteceu, mas hoje não, hoje não me sinto assim (...) **Acho que com o tempo você vai se aceitando mais**, vai vendo que pode ser você independente do que o outro vai achar ou não, você se sentindo bem (risos) (Victoria).

É possível verificar a trajetória de cada uma das participantes, que ao se olhar no espelho, vê para além da aparência visual. Neste momento, a aparência já não é a única qualidade de uma imagem, mas o que essa imagem reflete para além do espelho, o que, no movimento de reflexão, chega ao campo de saber mais de si, de sua história, de seu amadurecimento, de suas escolhas. Podemos também notar como as características visuais ganham um destino para além do padrão:

Não é fácil ter um corpo que você quer, mas isso, em contrapartida, você tem muita coisa que você não quer. **Então eu olho e falo, é tá gordinha mesmo, mas não dá nada não** (risos). **Parece que é uma escolha agora, antes eu não tinha escolha**, eu tinha que

ser magra, eu não sou uma pessoa que está obesa, tá infartando, eu só queria estar extremamente magra. Então, hoje eu olho, tudo bem, tô gordinha e tal, mas eu não vou fazer nada pra mudar isso (risos) (Bella).

Eu tenho uma orelha que é uma mais coladinha e a outra que é para frente, **então elas são diferentes, isso sempre me incomodou**, então isso mexeu muito com a minha imagem na adolescência (...) pesquisei bastante antes de tomar alguma atitude, mas eu coloquei os prós e os contras, **eu acho que eu ia sair muito do que eu sou para talvez me encaixar em um padrão, sabe?** E aí, hoje em dia, eu sou tranquila com o meu corpo, comigo (Alice).

Eu acho que eu fui cada vez mais ganhando o amor próprio e autoconhecimento, que **quando você tem autoconhecimento**, autoconfiança, eu acho que **você começa a ligar menos no que os outros pensam** (Sue).

Como explica Quinet (2002), “os olhos são feitos para não verem a falta” (p. 352). Mas, continua ele, no olhar, a mancha originária da castração permanece, evidenciando a marca da castração, vestígio do custo inerente à condição de sujeito do desejo. Essa mancha jamais desaparece, pois o ser humano nunca se desvincula completamente do gozo, a mancha também simboliza tanto o olhar que observa quanto a insistência de um impulso escópico ao gozo. Assim sendo, vemos que mesmo sabendo de suas diferenças e tendo que lidar com suas realidades corporais, as participantes conseguem encontrar uma maneira de lidar com a marca originária.

Eu ainda sinto que é um desafio, que vai ser um desafio para vida toda, porque por mais que você esteja bem resolvida, vai vim comentários e inevitavelmente vai surgir, talvez comparações (...) **Hoje eu me admiro, a minha beleza, eu admiro as qualidades que eu tenho, eu olho para o diferente eu penso puxa, que legal, que diferente que eu sou sabe (...)** **Eu sou uma pessoa diferente, então não vai ter**

ninguém igual, então eu acho legal. Ou já teve pessoas que falam: ah, sua orelha parece de elfo e elfos são lindos (risos), então, assim, **é muito relativo e bizarro a gente se autodeterminar com as comparações das pessoas.** Então hoje em dia quando eu me olho no espelho, eu gosto, eu não vejo nada de mais, eu olho para minha orelha, eu falo: você tem uma funcionalidade legal, eu escuto bem e isso é uma das coisas que mais importa para mim e eu me sinto bem assim, eu começo a ver charme (Alice).

Vemos aqui uma saída possível do sujeito frente ao mais-de-gozar do discurso capitalista. Não se trata de encontrar nos objetos de consumo - cosméticos, cirurgias, filtros - a fonte da felicidade e da realização, mas conseguir voltar-se para dentro e sentir-se bem, mesmo que na medida do possível, por ser quem se é. Conforme destaca Lacan (1953/1998), o eu do homem moderno adquiriu sua forma no impasse dialético da bela alma que não reconhece a própria razão de seu ser na desordem que ela denuncia no mundo, onde o sujeito é mais falado do que fala.

Mas uma saída se oferece ao sujeito para a resolução desse impasse: o campo inconsciente. Ele está integralmente circunscrito pela função da fala e pelo domínio da linguagem, onde torna-se possível estabelecer um novo paradigma para as ciências, no qual as ciências da subjetividade ocupam uma posição central (Lacan, 1953/1998).

A experiência psicanalítica descobriu no homem o imperativo do verbo e a lei que o formou à sua imagem. Ela maneja a função poética da linguagem para dar ao desejo dele sua mediação simbólica. Que ela os faça compreender, enfim, que é no dom da fala que reside toda a realidade de seus efeitos; pois foi através desse dom que toda realidade chegou ao homem, e é por seu ato contínuo que ele a mantém (Lacan, 1953/1998, p. 323).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dessas articulações, observa-se a complexidade da experiência subjetiva, na qual o indivíduo, alienado de sua condição faltante, é convocado a engajar seu próprio corpo na tentativa de solucionar um conflito identitário. Nota-se que os dispositivos de edição, amplamente acessíveis, capturam o sujeito em uma relação incessante de demanda, reforçando a busca por uma imagem ideal. No centro da visibilidade, o corpo e a imagem tornam-se palcos onde se encenam múltiplas possibilidades de representação, delineando e direcionando a própria existência na contemporaneidade. As promessas de satisfação imediata são investidas nos bens de consumo, promovendo a incessante busca pela melhor versão de si mesmo, mais bela, realizada e aparentemente feliz.

O primeiro momento da análise iniciou-se com a temática do filtro. A escolha desse tema justificou-se pelo distanciamento observado nas participantes, que demonstraram certo grau de resistência ao abordar essa questão. Verificou-se que, ao se referirem aos filtros, as falas direcionavam-se sempre para outras pessoas, em um julgamento externo à situação, como se o uso dessas ferramentas estivesse restrito a amigas, conhecidas e terceiros. A partir dessa constatação, identificou-se uma diferenciação entre os tipos de filtros, sendo que, na percepção das participantes, os filtros originais da plataforma praticamente não são percebidos como ferramentas de modificação, pois as alterações promovidas visam a melhoria do ambiente, dando a impressão de não modificar significativamente a imagem da pessoa na fotografia.

Em seguida, analisou-se a normalização do uso de filtros nas fotografias publicadas em redes sociais. Frequentemente, as imagens são editadas sem que haja uma percepção evidente da ferramenta empregada. Quando essa percepção ocorre, geralmente deve-se à exibição do nome do filtro na plataforma. Isso sugere um processo de naturalização dos rostos filtrados, sem maiores questionamentos ou incômodos por parte das usuárias. Esse fenômeno remete a uma associação inconsciente entre o rosto natural e aquele modificado por filtros sutis, em

conformidade com tendências midiáticas, como o chamado *clean girl*, evidenciando a influência das dinâmicas virtuais na construção da autoimagem.

No que concerne à temática abordada, constatou-se, por fim, uma aproximação com a noção de sujeito dividido. Ao falar sobre o outro, as participantes, em alguma medida, também falavam de si, inserindo-se, ainda que indiretamente, nas generalizações sobre os motivos que levam ao uso de filtros. Esse movimento sugere um possível processo de tamponamento da falta, no qual o uso dessas ferramentas possibilita ao sujeito experimentar outras versões de si mesmo, flertando com a ideia do duplo e, assim, encontrando maneiras de lidar com o inquietante.

Prosseguindo para a questão da imagem, examinou-se seu valor na vida pessoal das participantes. Relatos sobre insatisfação corporal, dietas rígidas e uso de perucas emergiram como elementos significativos. Tais narrativas indicam que a relação com a imagem transcende a dimensão física, assumindo um caráter emocional e revelando o papel fundamental da família e do meio social na construção da autoimagem. Esse aspecto pode ser compreendido à luz da teoria do estádio do espelho, evidenciando a importância do Outro na constituição imaginária da unidade corporal e na formação da identidade.

Além disso, identificou-se a dimensão trágica da ética do desejo, na qual o corpo, ao se tornar veículo de transformação, possibilita ao sujeito desprender-se de amarras que o faziam sentir-se como uma marionete. A apropriação do próprio corpo, nesse sentido, pode representar mudanças estruturais na posição subjetiva, permitindo o afastamento de ideais socialmente valorizados em prol da busca por uma noção mais autêntica de beleza e bem-estar.

No entanto, em discussões subsequentes, evidenciou-se a dificuldade em romper com as amarras da cultura. Uma das participantes relatou sua tentativa de encontrar uma trégua na relação conflituosa com o mercado estético, experienciando trocas imaginárias e simbólicas, passando por tratamento psicológico e sendo influenciada pelo padrão de beleza vigente. Esse

percurso conduz ao tópico seguinte, que aprofunda a relação entre o sujeito e seu modelo de identificação, destacando o vínculo entre demanda e desejo de consumo.

Algumas participantes mencionaram restrições financeiras como um fator impeditivo para a realização de procedimentos estéticos, ressaltando como o convencimento midiático ocorre de forma sutil e progressiva. O processo inicia-se com um estranhamento inicial, seguido pela aceitação da mudança como algo desejável, culminando na decisão de aderir à tendência. Assim, diante da profusão de informações e estímulos, o sujeito pode sentir-se coagido, questionando-se sobre a necessidade de adequação ao que é socialmente percebido como correto. Observa-se, portanto, a coexistência de uma aparente liberdade de escolha e a influência determinante do mercado, criando uma sensação paradoxal de inevitabilidade.

Ao longo da análise, constatou-se que algumas participantes buscaram o autoconhecimento como estratégia para ressignificar sua relação consigo mesmas. Ainda que os desafios mencionados permaneçam, percebe-se um amadurecimento possibilitado pelo tratamento psicológico e pela construção de novas perspectivas. Dessa forma, evidencia-se uma possível saída para a relação, sempre lacunar, do ser humano com sua própria imagem.

Diante dessas reflexões, a Análise e Discussão foram apresentadas a partir da vivência dos sujeitos, demonstrando como indivíduos comuns, movidos pelo desejo, podem construir uma relação mais autônoma com a própria aparência. Retornemos, então, à questão central desta pesquisa: quais são as implicações do uso de filtros para a autoimagem das mulheres usuárias de redes sociais?

A resposta, ainda que parcial, sugere que os filtros influenciam a relação do sujeito com sua própria imagem, funcionando como uma tentativa de unificação da experiência subjetiva e da divisão inerente à condição humana. O uso dessas ferramentas parece configurar-se como mais um dispositivo mercadológico que busca oferecer ao indivíduo a ilusão de completude, prometendo preencher a falta constitutiva do sujeito do desejo. Quando essa promessa é tomada

como verdade, as consequências podem ser significativas, levando o indivíduo a se deixar capturar por um discurso que, inevitavelmente, conduz ao impasse.

Assim, considera-se que a modificação facial por meio de filtros pode representar uma tentativa de amenizar o mal-estar decorrente da condição faltosa do sujeito, não por sua especificidade enquanto ferramenta, mas por constituir mais um dos inúmeros dispositivos disponíveis para esse fim. Permanece, contudo, uma indagação: onde reside o limite entre o natural e o artificial? A distinção entre uma aparência de boneco de cera, um rosto excessivamente liso e os filtros naturais ainda carece de maior aprofundamento. Tais questionamentos permanecem em aberto, a serem explorados em futuras investigações.

Finalizamos com uma citação de Lacan: “Ela [a psicanálise] só dará fundamentos científicos à sua teoria e à sua técnica ao formalizar adequadamente as dimensões essenciais de sua experiência, que são, juntamente com a teoria histórica do símbolo, a lógica intersubjetiva e a temporalidade do sujeito” (Lacan, 1953/1998, p. 323).

REFERÊNCIAS

- Alves, W. S., & Lazzarini, E. R. (2020). Uma análise do eu em tempos de virtualidade e isolamento: reflexões psicanalíticas. *Jornal de Psicanálise*, 53(98), 123-139.
- Badin, R., & Martinho, M. H. (2018). O discurso capitalista e seus gadgets. *Trivium-Estudos Interdisciplinares*, 10(2), 140-154. <https://doi.org/10.18379/2176-4891.2018v2p.140>
- Barus-Michel, J. (2013). Uma Sociedade nas Telas. In: *Tirantias da visibilidade* (pp. 33-45). FAP-Unifesp.
- Bentes, A. (2021). *Quase um tique: economia da atenção, vigilância e espetáculo em uma rede social*. Ed. UFRJ.
- Birman, J. (1999). *Cartografias do feminino*. Editora 34.
- Birman, J. (2013). Sou Visto, logo Existo: a Visibilidade em Questão. In: *Tirantias da visibilidade* (pp. 47-60). FAP-Unifesp.
- Caon, J. L. (1994). O pesquisador psicanalítico e a situação psicanalítica da pesquisa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 7(2), 145-174.
- Carr, Nicholas. (2011). *A geração superficial: o que a Internet está fazendo com nossos cérebros*. Agir.
- Cardoza, I. F., & Caldas, H. (2013). A Invenção da Mulher frente às Invenções da Tecnociência. *Revista Subjetividades*, 13(3-4), 573-590.
- Carroll, L. (2009). *Aventuras de Alice no País das Maravilhas; Através do Espelho e o que Alice encontrou por lá* (Ilustrações originais de John Tenniel; tradução Maria Luiza X. de A. Borges). Zahar. (Trabalho original publicado em 1832-1898).
- Carvalho, M. S. R. M. D. (2006). *A trajetória da Internet no Brasil: do surgimento das redes de computadores à instituição dos mecanismos de governança* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Castanet, D. (2010). Os corpos contemporâneos. *Revista de Psicanálise Stylus*, (20), 53-77. <https://doi.org/10.31683/stylus.vi20.841>

- Castells, M. (2003). *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Jorge Zahar Ed.
- Data Reportal (2024a). *The time we spend on social media*. Recuperado em 10 de Abril de 2024, de <https://datareportal.com/reports/digital-2024-deep-dive-the-time-we-spend-on-social-media?rq=spend%20time%20social%20media%20>
- Data Reportal (2024b). *Digital 2024 april global statshot report*. Recuperado em 10 de Abril de 2024, de: <https://datareportal.com/reports/digital-2024-april-global-statshot?rq=Social%20Media%20Growth%20202>
- Data Reportal (2024c). *Digital 2024: Brazil*. Recuperado em 10 de Abril de 2024, de <https://datareportal.com/reports/digital-2024-brazil?rq=instagram%20brazil>
- Debord, G. (2007). *A sociedade do espetáculo*. Contraponto.
- Dicionário Michaelis (n.d). Homo sapiens. In: *Michaelis Dicionário brasileiro da língua portuguesa*. Editora Melhoramentos. Recuperado em 20 de maio de 2024, de <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=homo>
- Dunker, C. I. L. (2011). *Estrutura e constituição da clínica psicanalítica: uma arqueologia das práticas de cura, psicoterapia e tratamento*. Annablume.
- Fargeat, C. (Diretora). (2024). *The Substance* [Filme]. Working Title Films; A Good Story.
- Figueiredo, L. C., & Minerbo, M. (2006). Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo. *Jornal da Psicanálise*, 39(70), 257-278.
- Fisher, M. (2023). *A máquina do caos: como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo*. Todavia.
- Ferreira, J. (2023). *Filtros de realidade aumentada do Instagram: mediando a representação de mulheres pretas* (Trabalho de conclusão de curso). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.

- Freire, L. (2002). A histeria e a beleza: uma expressão no contexto cultural da atualidade. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 22(3), 70-77. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932002000300011>
- Freud, S. (1995). *Projeto para uma psicologia científica*. In: S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud* (J. Salomão Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1895)
- Freud, S. (2016). *Obras completas volume 10. Estudos sobre a histeria* (L. Barreto Trad.). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1893-1895).
- Freud, S. (2016). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. In: *Obras completas volume 6. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos* (P. C. Souza Trad.). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (2010). *Obras completas volume 12. Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos* (P. C. Souza Trad.). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914-1916).
- Freud, S. (2010). *Obras completas volume 14. História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos"), Além do princípio do prazer e outros textos* (P. C. Souza Trad.). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1919).
- Freud, S. (2011). *Obras completas volume 16. O eu e o id, 'autobiografia' e outros textos* (P. C. Souza Trad.). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923-1925).
- Freud, S. (2014). *A questão da análise leiga: diálogo com um interlocutor imparcial*. In: *Obras completas volume 17. Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos* (P. C. Souza Trad.). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1926).

- Freud, S. (2020). O mal-estar na cultura. In: *Cultura, sociedade e religião, O mal-estar na cultura e outros escritos*. (M. R. S. Moraes Trad.). Autêntica. (Trabalho original publicado em 1930).
- Freud, S. (2010). *O mal-estar na civilização e outros textos* (P. C. Souza Trad.). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930-1936).
- Furtado, A. C., Bastos, B. T., Leal, I. M. G., Lingordo, R. T. S & Dacorso, S. T. M. (2016). Fantasia, desejo e mídias sociais, um olhar da psicanálise. *Revista Psique, 1*(2), 32-42.
<https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/psq/article/view/944>
- Gomes, A.C.C., Pedrosa, R.B.A. Fo., & Teixeira, L.C. (2021). Nem ver, vem olhar: visualizar! Sobre a exibição dos adolescentes nas redes sociais. *Ágora, 24*(1), 91-99.
<https://doi.org/10.1590/1809-44142021001011>
- Gonçalves, B. G., & Nuernberg, D. (2012). A dependência dos adolescentes ao mundo virtual. *Revista de Ciências Humanas, 46*(1), 165-182. <https://doi.org/10.5007/2178-4582.2012v46n1p165>
- Iannini, G., & Tavares, P. H. (2019). Freud e o infamiliar. In: *Freud-O infamiliar [Das Unheimliche]—Edição comemorativa bilíngue*. Autêntica.
- International Society of Aesthetic Plastic Surgery. (2023). *ISAPS Global Statistics*. Recuperado em 25 de Junho de 2024, de <https://www.isaps.org/discover/about-isaps/global-statistics/reports-and-press-releases/global-survey-2023-full-report-and-press-releases/>
- Iribarry, I. N. (2003). O que é pesquisa psicanalítica? *Ágora, 6*(1), 115-138.
<https://doi.org/10.1590/S1516-14982003000100007>
- Hallin, E., Olsson, C., & Ski, S. (2023). “Clean Girl”: den nya utgångspunkten för kvinnliga ideal?-en kvalitativ studie av hur kvinnliga ideal konstrueras på TikTok, mediafenomenet “Clean Girl”, och hur detta fenomen påverkar unga kvinnliga

användare. Disponível em: <https://lup.lub.lu.se/student-papers/search/publication/9117150>

Kallas, M. B. L. M. (2016). *O sujeito contemporâneo, o mundo virtual e a psicanálise*. *Reverso*, 38(71), 55-63.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952016000100006&lng=pt&tlng=pt

Kehl, M. R. (2016). *Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade*. Boitempo Editorial.

Lacan, J. (1998). *Formulações sobre a causalidade psíquica*. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 152-194). Zahar. (Trabalho original publicado em 1946).

Lacan, J. (1998). *O estádio do espelho como formador da função do eu*. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 96-103). Zahar. (Trabalho original publicado em 1949).

Lacan, J. (1998). *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 238-324). Zahar. (Trabalho original publicado em 1953).

Lacan, J. (1995). *O seminário, livro 4: A relação de objeto* (D. D. Estrada, Trad.). Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1956-1957).

Lacan, J. (1999). *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente* (V. Ribeiro & M. A. Vieira, Trans.). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1957-1958).

Lacan, J. (1998). *A significação do falo*. In *Escritos* (pp. 692-703). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1958).

Lacan, J. (2008). *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise* (A. Quinet, Trad.). Zahar. (Trabalho original publicado em 1959-1960).

Lacan, J. (1998). *Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: psicanálise e estrutura da realidade*. In *Escritos*. Zahar. (Trabalho original publicado em 1960).

- Lacan, J. (2005). *O seminário: livro 10: A angústia* (M. D. Magno, Trad.). Zahar. (Trabalho original publicado em 1962-1963).
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Zahar. (Trabalho original publicado em 1964).
- Lacan, J. (2009). *O Seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante*. Zahar. (Trabalho original publicado em 1971).
- Lacan, J. (2012). *O Seminário, livro 19: ...ou pior*. Zahar. (Trabalho original publicado em 1971-1972).
- Lacan, J. (2008). *O Seminário, livro 20: mais, ainda* (M. D. Magno, Trad.). Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1972-1973).
- Lacan, J. (1980). *La tercera*. In *Actas de la Escuela Freudiana de Paris*. Ediciones Petrel. (Trabalho original publicado em 1974).
- Lanthimos, Y. (Diretor). (2023). *Poor Things* [Filme]. Film4; Fruit Tree; Element Pictures; TSG Entertainment.
- Lazzarini, E. R., & Viana, T. D. C. (2006). *O corpo em psicanálise*. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22(2), 241-249. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722006000200014>
- Lemos, M. T. G. (1992). *O sintoma histérico: da (im)possibilidade do feminino estruturado como linguagem*. *Percurso*, 20-25.
- Lévy, P. (2011). *O que é o virtual?*. Editora 34.
- Lins, B. F. E. (2013). *A evolução da Internet: uma perspectiva histórica*. *Cadernos Aslegis*, 48, 11-45. http://www.belins.eng.br/ac01/papers/aslegis48_art01_hist_internet.pdf
- Minayo, M. C. de S. (2017). *Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias*. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 5(7), 1–12. <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/82>

- Meirinho, D. (2009). *A manipulação fotográfica como processo de representação do real: A reconstrução da realidade. Passages de Paris Édition Spéciale*, 2009, 193-203.
- Mezan, R. (2007). *Que tipo de ciência é, afinal, a Psicanálise?. Natureza Humana*, 9(2), 319-359.
- Montardo, S. P., & Prodanov, L. S. (2021). *Filtros embelezadores no Instagram Stories: pistas iniciais sobre a plataformização da beleza. Logos*, 28(2).
<https://doi.org/10.12957/logos.2021.60900>
- Nasio, J. D. (2009). *Meu corpo e suas imagens*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras.
- Nogueira, R. (2017). *Mulheres e deusas: como as divindades e os mitos femininos formaram a mulher atual*. Harper Collins.
- Oxford University Press. (2013). *'Selfie' named word of the year 2013*. Recuperado em 16 de junho de 2024, de <https://global.oup.com/news-items/11001744/word-of-the-year-selfie-2013?cc=gb#>
- Quinet, A. (2002). *Um olhar a mais: ver e ser visto na Psicanálise*. Jorge Zahar.
- Quinet, A. (2012). *Os outros em Lacan*. Companhia das Letras.
- Rabêlo, F. C., Dias, R. R., & Martins, K. P. H. (2022). *Reflexo e Sombra: O duplo e o narcisismo em Hoffmann e Chamisso. Psicologia: Ciência e Profissão*, 43, 01-13.
<https://doi.org/10.1590/1982-3703003243885>
- Ramos, P. É. G. T., & Martins, A. O. (2018). *Reflexões sobre a rede Instagram: do aplicativo à textualidade. Texto Digital*, 14(2), 117-133. <https://doi.org/10.5007/1807-9288.2018v14n2p117>
- Romani, P. F., Winck, G. E., & Strey, M. N. (2013). *Consumismo na pós-modernidade: uma questão de gênero?. Ciências Sociais Unisinos*, 49(3), 263-268.
- Sibilia, P. (2016). *O show do eu: a intimidade como espetáculo* (2ª ed.). Contraponto.

- Silva, D. Q. (2013). *A pesquisa em psicanálise: o método de construção do caso psicanalítico*. *Estudos de Psicanálise*, (39), 37-46.
- Silva, C. M., & Macedo, M. M. K. (2016). *O método psicanalítico de pesquisa e a potencialidade dos fatos clínicos*. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36(3), 520-533.
<https://doi.org/10.1590/1982-3703001012014>
- Soares, M. A., & Nunes, S. R. (2020). *Da opacidade da palavra selfie no discurso digital*. *RUA*, 26(1). <https://doi.org/10.20396/rua.v26i1.8660195>
- Souza, T. P., & Stengel, M. (2022). *Corpos diante do espelho digital: as novas redes de subjetivação*. *Revista Affectio Societatis*, 19(37).
<https://doi.org/10.17533/udea.affs.v19n37a05>
- Teixeira, V. L., & Couto, L. F. S. (2010). *A cultura do consumo: uma leitura psicanalítica lacaniana*. *Psicologia em Estudo*, 15, 583-591.
- Tibúrcio, F., Moreira, W., Schmitt, R., Souza, E., & Silva, C. (2022). *O futuro do digital está na conexão com o real: Metaverso e suas implicações sociais e tecnológicas*. In *Anais do III Workshop sobre as Implicações da Computação na Sociedade* (pp. 76-84). SBC. <https://doi.org/10.5753/wics.2022.222830>
- Veras, M. F. A. S. (2018). *Selfie, logo existo: posts psicanalíticos (baseados em fatos reais)*. Corrupio.
- Wolf, N. (1992). *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. Rocco.

APÊNDICES

Apêndice A: Dados Sociodemográficos

1- Nome

2- Idade

3- Escolaridade

4- Cidade/Estado

5- Se autodeclara de que cor/raça

6- Estado Civil

7- Tem filhos? Quantos

8- Profissão (ou ocupação)

9- Religião

ANEXOS

Anexo 1: TCLETERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

“A QUESTÃO DA IMAGEM EM REDES SOCIAIS: IMPLICAÇÕES PSICANALÍTICAS
ENTRE O CAMPO VIRTUAL E O FEMININO”

Prezada Senhora/ Senhorita:

Gostaríamos de convidá-la para participar da pesquisa cujo tema é “Autoimagem feminina, redes sociais e modificação facial”. O objetivo da pesquisa é: compreender as questões em torno do tema da imagem, as vivências dentro do campo virtual em torno da autoimagem, a aparência em redes sociais e suas possíveis modificações a partir da narrativa de mulheres que já experienciaram este processo.

Sua participação é muito importante e ela se dará por meio de uma entrevista feita de forma presencial, em local, dia e horário de sua escolha ou, se preferir, a entrevista poderá ocorrer de forma online, pela Plataforma do Google Meet, Skype ou outro aplicativo de sua preferência. As entrevistas serão gravadas e posteriormente transcritas, após a transcrição a gravação será apagada. As participantes da pesquisa serão identificadas na folha de transcrição por um codinome para garantir o sigilo. Esclarecemos que sua participação é totalmente voluntária, podendo: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Esclarecemos, também, que suas informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade.

Esclarecemos, ainda, que você não pagará e nem será remunerada por sua participação. Garantimos, no entanto, que todas as despesas decorrentes da pesquisa serão ressarcidas, quando devidas e decorrentes especificamente de sua participação.

Quanto aos riscos, esta pesquisa poderá causar certo desconforto por tratar de um assunto que pode estar associado às questões emocionais. Caso tal situação ocorra, a pesquisadora enquanto psicóloga atuante poderá ofertar um espaço de escuta e acolhimento e, se for da sua vontade, a entrevista poderá ser interrompida. Em relação aos benefícios para as participantes, destacamos que o ato de falar sobre a autoimagem e o uso da tecnologia que possibilita modifica-la para outra imagem de si, poderá trazer reflexões importantes sobre o tema. Além disso, para o campo científico, irá contribuir para o entendimento de como o uso da tecnologia pode produzir efeitos nas formas de relações e interações com o outro.

Caso a senhora/senhorita tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos poderá nos contatar: a pesquisadora principal Polyana Almeida Pompilho, via Telefone: (43) 99936-8731, email: polyana.pompilho@uel.br ou a orientadora da pesquisa prof. Sílvia Nogueira Cordeiro, Telefone: (43) 98859-9779, email: silvianc2000@gmail.com.; ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina (CEP-UEL), situado junto ao LABESC – Laboratório Escola, no Campus Universitário, telefone 3371-5455, e-mail: cep268@uel.br. O CEP-UEL é um colegiado de avaliação de projetos de pesquisa criado em 1997 que atua para atender as resoluções do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde, que normatiza as pesquisas envolvendo seres humanos, priorizando, portanto, a defesa aos participantes de pesquisa.

Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas devidamente preenchida, assinada e entregue à Senhora/ Senhorita.

_____, ____ de _____ de 202_

Tendo sido devidamente esclarecida sobre os objetivos e procedimentos deste estudo, concordo em participar voluntariamente da pesquisa descrita acima.

Assinatura